

10/12/46

(Um programa de Roberto Lis)

1º Capítulo(Característica musical forte)SPEAKER: - (Faz a apresentação de acôrdo com a fórmula enviada pela Pantaco)(Ao terminar a apresentação sóbe a característica por alguns momentos)

SPEAKER: - CÉO COR DE ROSA é a historia de uma mulher que por amar a um homem desesperadamente, por ele renunciou à propria vida. Nessa renúncia veio ela a encontrar mais tarde a grande paz que tanto desejava e que jamais conseguira, antes, alcançar. Mas um dia... ha sempre um dia fatal na vida de todas as creaturas. Bem, deixemos a Roberto Lis e seus artistas a continuação da historia que iniciei.

O primeiro capítulo de "céo côr de rosa" está assim distribuido:

Herculano Mendez.....	Vitor Moré
Alzira.....	Lilia Maria
Solange.....	Lia Nazareth
Walmir .....	Olavo Engel
Dorotêa.....	Conceição Pereira
Padre Crispim.....	Roberto Lis
Irmã Brunilda.....	Nina Rosa
Padre Basilio.....	Rubens Alcântara
Dr. Dilermando.....	Mario Hornes

(Sóbe a característica por alguns momentos)

Encarregado do Estúdio..... Enilio Bello

Sonofonia de..... Elio Machado

(Sóbe mais uma vez a característica, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).(Campanha de chamada duas vezes. Passos que se aproximam)

Crispim - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, irmã Brunilda.

Brunilda- Para sempre ~~seja~~ louvado seja, padre Crispim.

Crispim - Já percebo a pergunta nos seus olhos, irmã Brunilda: "O que virá o Padre Crispim fazer a esta hora no convento?" Já vou satisfazer a sua curiosidade, minha irmã. Desejo falar à noviça Alzira.

Brunilda- vou avisá-la em seguida. (Ruido de abrir chave e porta) Tenha a bondade de entrar. (Ruido de fechar a porta e a chave).

- Crispim - Com toda a certeza sou eu a primeira pessoa que a Irmã porteira atende hoje; não é verdade?
- Brunilda - Engana-se, Padre Crispim. Já aqui esteve, antes da missa, o jardineiro e mais tarde um pouco uma moça que fizera a promessa de trazer aquelas rosas vermelhas para a imagem de Santa Luzia.
- Crispim - Sou então o terceiro? Pensei que seria o primeiro a dar-lhe serviço hoje. Relá hora que vim...
- Brunilda - Tenha a bondade de sentar-se um pouco enquanto vou procurar a noviça Alzira. Ela deve estar, com certeza, no seu céu cor de rosa.
- Crispim - No seu Céu cor de rosa?
- Brunilda - Sim. Foi assim que apelidamos a sua cela.
- Crispim - Mas por que?
- Brunilda - Porque ela nos disse um dia que a ama tanto e que se sente tão feliz entre as suas paredes que chega a ter a impressão de se encontrar num pedaço de céu cor de rosa. Desde aí, quando nos referimos à sua cela só a chamamos assim.
- Crispim - É interessante e muito sugestiva a denominação. Pois então vá ao Céu cor de rosa, avise-a de que estou aqui e ~~em~~ desejo falar-lhe.

(CORTINAMUSICAL)

(Ouve-se uma Ave Maria em sólo de órgão, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Batem na porta e a musica cessa em seguida).

- Alzira - (para longe) Quem é?
- Brunilda - (de longe) É irmã Brunilda que deseja falar-lhe.
- Alzira - (Para longe) Pôde entrar, minha-irmã. (Ruido de porta que se abre e passos que se aproximam).
- Brunilda - Ha uma pessoa que deseja falar-lhe.
- Alzira - A mim? A esta hora da manhã? Quem será?
- Brunilda - Não vou dizer. Vamos ver se advinha.
- Alzira - Minha irmã Solange?
- Brunilda - Não. É um homem.
- Alzira - um homem?!... Não sei quem possa ser.
- Brunilda - É o senhor Padre Capelão.
- Alzira - O Padre Crispim? O que deseja ele, não disse?
- Brunilda - Disse apenas que desejava falar-lhe.
- Alzira - Por que não o mandou entrar para cá, Irmã Brunilda?
- Brunilda - Porque não tinha certeza que estivesse aqui e pensei que preferisse recebê-lo lá na sala.
- Alzira - Bem, vou atendê-lo, então. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

- Crispim - Que Jesus esteja contigo, minha filha.
- Alzira - que assim seja, Padre Crispim. A que devo o prazer da sua visita?

- Crispim - Já vou dizer. Antes, porém, desejo saber uma coisa: a Irmã Porteira encontrou-a no Céu Cór de Rosa?
- Alzira - Ah, também o senhor já sabe a denominação da minha cela?
- Crispim - Sim, foi há pouco que o soube e por sinal achei um nome muito sugestivo. Disse-me a irmã Brunilda que foi a minha filha mesma que a denominou assim?
- Alzira - Exatamente. É que me sinto muito bem lá dentro. Encontro lá tanta paz, tanta quietude, tanto consolo que tenho a impressão de ter alcançado o céu que tanto desejei para o fim da minha existência. E como o céu dos fins de tarde é sempre róseo - quando há sol, é claro - eu então denomi-nei-a assim.
- Crispim - Muito bem. Mas senta-te, minha filha. Quero conversar contigo.
- Alzira - Pronto, Padre Crispim. Estou às suas ordens.
- Crispim - Ontem estive de visita em casa de uma das minhas parochianas que a conheceu muito em menina e me perguntou por você. Dona Edwiges Sodré. Lembra-se dela?
- Alzira - (buscando lembrar-se) Edwiges Sodré...
- Crispim - A dona Vija, como a chamam na intimidade.
- Alzira - Ah, a dona Vija!... Lembro-me, sim, como não? Foi uma das grandes amigas de minha mãe. Amigas de infância.
- Crispim - Foi exatamente o que ela me disse.
- Alzira - Dona Edwiges eu não podia me lembrar quem era. Acostumada a chamar dona Vija... E como vai ela, Padre Crispim?
- Crispim - Coitada!... Não vai lá muito bem. Foi até exatamente por isso que fui visitá-la. Levou um tombo de uma escada, partiu uma perna na altura do tornozelo e há mais de dois meses que está na cama sofrendo dores hor-ríveis!...
- Alzira - Coitada da dona Vija. Eu não sabia de nada.
- Crispim - Pois é verdade, ela me perguntou muito por você. Como ia, se estava satisfeita, quanto tempo levaria ainda a receber o hábito... Contou-me também da oposição terrível que seu pai fez a ~~vossa~~ que você entrasse para o convento e por fim, depois de muitos assuntos, pediu-me que dissesse a você que dona Dorotéa havia chegado de viagem muito satisfeita com o restabelecimento do filho.
- Alzira - Dona Doro... (Pausa) E que mais lhe disse ela, Padre Crispim?
- Crispim - Mais nada, minha filha. Apenas isto. Pediu muito que lhe dissesse e ainda na saída, quando me despedi, fez a seguinte recomendação: Não vá esquecer de dizer à Alzira que a dona Dorotéa chegou e que está muito contente, muito satisfeita com o restabelecimento do rapaz. Prometi-lhe que hoje mesmo traria a notícia a você e aqui estou. Mas o que é isto? Agora é que estou percebendo... Parece que a notícia que eu lhe trouxe em vez de lhe trazer alegria fez-lhe mal?
- Alzira - Não... não... não é nada, não, Padre Crispim...
- Crispim - Tornou-se pálida de um momento para outro, seus lábios ficaram sem cor... emudeceram... Ah que lhe pôde ter perturbado tanto essa notícia, minha filha? Fale.
- Alzira - Ah nada, Padre Crispim, não se preocupe... É que... há já algum tempo que eu estou assim. Estou muito bem, conversando, e de um momento para o outro vem uma dor violenta aqui assim sobre a nuca que me corta completamente o assunto. Mas já está passando, felizmente. Posso dizer mesmo que já passou. Estou boa, não tenho mais nada.
- Crispim - Essas dores assim tem sempre uma causa, minha filha. É preciso ver isto.

Alzira - Não se preocupe, não, Padre Crispim. isto não tem nenhuma importancia.

Crispim - Cuidado, minha filha, cuidado! Comunique à irmã Superiora essa dor que lhe assalta de vez em quando. É conveniente pesquisar a causa. Bem e agora que já me desencumbi da minha tarefa junto a você, ~~vou~~<sup>vou</sup> seguir o meu caminho e visitar uns enfermos até à hora do almoço. Que Jesus fique contigo, minha filha.

Alzira - Que assim seja, Padre Crispim.

(CORTINA MUSICAL)

(Propaganda)

(Toda a cena que segue deverá ser feita à meia voz)

Alzira - O que me traz a este confissionário, meu padre, é um pecado enorme que cometi e que me roubou o sono e o sossego de toda uma noite. Preciso desabafar, meu padre.

Crispim - Fala, minha filha, eu aqui estou para dar-te, em nome de Deus, a penitencia ou a absolvição ao teu pecado.

Alzira - Eu pequei porque menti, ontem, quando lhe disse que a minha palidez e a minha angústia eram provenientes de uma dôr qualquer que eu estava sentindo. Em verdade foi grande, muito grande a dôr que me assaltou naquele instante mas ela não provinha de nenhum mal físico cuja causa eu ignorasse e sim de uma ferida profundissima da alma, cuja causa eu conhecia de sôbra. E foi o senhor, Padre Crispim, que sem o saber tocou na ferida, fazendo com que ela sangrasse de novo quando eu mesma acreditava que ela já estava curada.

Crispim - Eu, minha filha?!...

Alzira - O senhor, sim. Lembra-se quando me disse que dona Dorotêa havia voltado de viagem e que estava satisfeittissima porque seu filho viera restabelecido?

Crispim - Sim. Foi o recado que dona Edwiges me pediu que desse a você.

Alzira - Eu sei, e acredito que ela própria m'o tivesse mandado de bôa intenção mas a verdade é que o mal que ele me fez foi terrivel. Foi como se uma boca im piedosa houvesse soprado as cinzas do borralho do meu passado e lançando-as ao vento tivesse deixado exposta toda a fogueira que elas ocultavam. A rajada forte da recordação bastou para avivá-las num momento, anulando totalmente a minha luta heroica de mais de cinco anos.

Crispim - Mas minha filha eu não cheguei ainda a compreender a razão pela qual esse recado lhe tivesse feito tanto mal.

Alzira - Já vai compreender, meu bom padre Crispim. Vou lhe contar tudo. (Pausa) Foi no ano de 1920, ha sete anos atraz, portanto. tinha eu então apenas vinte anos e vivia tranquila em minha casa, ao lado de Solange, minha irmã mais velha e ambas sob os cuidados de nosso pai que nos adorava. Uma tarde meu pai chamou-me ao seu gabinete e me disse assim:

(Rápida frase musical)

Herculano - Minha filha, você está uma moça e precisa começar a se apresentar em sociedade. Dona Edelmira vai realizar uma grande festa no dia do aniversário da sua filha Corina e você irá a essa festa com sua irmã.

Alzira - Que bom, papai!... Tanta vontade que eu tinha de ir a uma festa! Nunca lhe disse nada mas quando via Solange sair para qualquer parte e deixar-me encerrada em casa, estudando, sentia uma tristeza tão grande que muitas vezes cheguei a chorar.

Herculano - Você ainda não tinha idade para isto, minha filha. precisava educar-se, instruir-se, para não fazer mau papel na sociedade. Agora sim, está moça, tem os seus estudos quasi completos, já pôde começar a aparecer.

Alzira - E o vestido, meu pai? Com que vestido irei?

Herculano - Solange já recebeu instruções de chamar uma costureira. Recomendei que mandasse fazer um bonito vestido para que você se apresente con-

Alzira - Que bom, meu pai!... O senhor é um encanto!... Sabe que eu desejava que o meu vestido fôsse de filô azul claro?

Herculano - Pois bem, combine isto com sua irmã. Ela parece que havia falado em fazê-lo côr de rósa. E aqui tem um colar e uns brincos de pérola que pertenceram à sua mãe para você usa-los no dia da sua estreia em sociedade.

Alzira - (após uma pausa) Que lindas pérolas, meu Pai!...

Herculano - São suas. Eu as guardei para dar-lhe no dia em que você fôsse à sua primeira festa.

Alzira - Obrigada, meu Pai, muito obrigada.

(Rápida frase musical)

Alzira - (após uma pausa, voltando ao tom de confissão) É cheia de ansiedade, fremente de entusiasmo, acompanhei toda aquela azáfama de compras, de costureiras, de escolhas de feitiço, de experiência de penteados e etc, etc. Não sei se o aborreço com tantos detalhes...

Crispim - Nada disto, minha filha, continua.

Alzira - Chegou finalmente o grande dia! Quando Solange me disse que eu estava pronta, olhei-me ao espelho e fiquei deslumbrada. O vestido era tal qual eu o havia sonhado. A saia toda em babados de filô azul claro, debrnados de fita da mesma côr. O corpete em setim azul também, com um bouquet de miosótis ao peito e um grande laço de fita chamalôte na cintura. Sapatos de setim também azuis e luvas de renda da mesma côr. As pérolas, em leve tonalidade rósea, se destacavam na toilette, completando-a no seu encanto. Solange preparou-se também, veio o carro e momentos depois desciamos as duas, acompanhadas de papai, no portão do jardim de dona Edelmira. Aquela festa foi um deslumbramento para mim!... Muitos rapazes disputaram a minha preferéncia e eu dansei até às trez horas da madrugada sem ter um momento de descanso. Aquela hora, sentindo-me afogueada pelo calor, afastei-me um pouco do salão e desci ao jardim iluminado. O cantar sonôro de uma fonte atraiu-me para junto dela e momentos depois...

(Rápida frase musical)

(Trindo de valsa vienense, por orquestra, para toda a cena)

Walmir - Fugindo aos seus adoradores?

Alzira - Oh, que susto o senhor me deu.

Walmir - Perdôe, juro-lhe que não tive essa intenção.

Alzira - Não tem importancia, é que eu estava aqui tão entretida, olhando a fonte... não me apercebi da sua chegada...

Walmir - Está gostando da festa?

Alzira - Muitissimo. Só lamento que esteja para terminar.

Walmir - Também eu. Afianço-lhe que já começo a sentir saudades de uma noite tão bela.

Alzira - E é sentimento importuno o da saudade, o senhor não acha?

Walmir - Ao contrário. Eu tenho a impressão de que todos deveríamos bendizer a saudade porque é ela que prolonga ao infinito os momentos bons que a vida nos proporcionou. É ela que nos obriga a pensar neles e a revivê-los constantemente. Se não existisse a saudade as coisas boas durariam apenas o momento em que fôsssem vividas, passados esses momentos elas estariam irremediavelmente mortas. Este momento delicioso que estou vivendo aqui a seu lado, por

exemplo, estará sempre vivo no meu coração pela saudade que dele sentirei. (Pausa longa em que só se ouve a música à distancia) Não será indiscreção minha perguntar-lhe no que está pensando?

Alzira - Não, nada... é que... papai e Solange já devem ter dado pela minha falta no salão... talvez estejam já a procurar-me... e não gostariam de encontrar-me aqui.

Walmir - Fique um pouco mais. Um pouquinho só. Apenas um momento mais para que eu possa lhe dizer a impressão que me causou.

Alzira - Não sei... talvez não deva... Parece-me imprudencia grande o que estou fazendo... Se me vissem aqui com o senhor talvez reparassem...

Walmir - É um instante mais apenas. Quero que saiba que o sentimento que classificou de importuno - que é a saudade - não me permitirá mais esquecê-la. Nunca mais!... Nunca mais!...

(Rápida frase musical)

Alzira - (voltando ao tom de confissão) Não lhe poderei descrever, meu pai, a sensação que aquelas palavras produziram no meu espirito. Ficaram muito tempo a soar nos meus ouvidos docemente, embriagadoramente... Por mais que eu tentasse desviar os meus pensamentos para coisas diversas era sempre a imagem de Walmir que eu encontrava estereotipada no meu ~~subconsciente~~ subconsciente. E as suas palavras, aquelas que ele pronunciou junto da fonte, cantavam nos meus ouvidos como harpejos celestiais, envolvendo-me toda e arrebatando-me. Desculpe-me, padre Crispim, percebo agora que estou me excedendo nas minhas descrições.

Crispim - Continúa, minha filha, continúa sem constrangimento. Eu compreendo perfeitamente estes arroubos da mocidade.

Alzira - Eu não sei... talvez que hoje eu já não tenha mais o direito de falar assim...

Crispim - Fala, fala. Conta-me tudo tal qual se passou.

Alzira - Pois bem, depois daquela noite inesquecível para mim, muitas vezes nos encontramos à saída da missa nos domingos, ou à tarde em outros dias, quando eu ia propositadamente ao parque da cidade para encontrá-lo. Um dia Solange descobriu tudo e foi contar a papai.

(Rápida frase musical)

Solange - Tenho uma desagradável comunicação a fazer-lhe, papai.

Herculano - Fala, minha filha. O que é que ha?

Solange - Alzira tem um namorado e sai quasi todas as tardes para encontrá-lo.

Herculano - Ora, Solange, afinal o que tem isto de mais? Ela já está uma moça, é natural que tenha lá os seus adoradores.

Solange - Sim, eu sei, mas não é este o ponto desagradável da minha comunicação. É que o rapaz que Alzira namora...

Herculano - (após uma pausa) Quem é ele?

Solange - É aquele mesmo com quem o senhor a encontrou no jardim da casa de dona Edelmira. Walmir, o filho de dona Dorotêa.

Herculano - E o que tem esse rapaz que Alzira não possa namorá-lo? Sabes de alguma coisa?

Solange - Não esqueça, papai, que o pai dele e dois dos seus irmãos morreram tuberculosos.

Herculano - Ah sim, tens razão... o Amarílio! Lembro-me agora, sim. Tens razão, minha filha, tens toda a razão.

Solange - É alem do seu Amarílio, Walfredo e Walmor também. Basta olhar-se a palidez marmórea de Walmir e as suas profundas olheiras para ter-se a certeza de que ele é um rapaz fraquíssimo.

Herculano- Bem, minha filha, façamos uma coisa: tu procurarás, antes de mim, convencer tua irmã de abandonar este namoro. Se nada conseguires eu então intercederei.

(Rápida frase musical)

Alzira - (tom de confissão) Solange fez o que pôde para desvanecer-me. Eu, entretanto, mantinha-me irredutível no meu desejo de dar-lhe a minha vida e receber em troca o seu carinho. Ah, padre Crispim, que ódio eu tive naquele dia da minha irmã!...

Crispim - Seu cuidado era justo, minha filha. Procurava salvaguardá-la de futuros aborrecimentos.

Alzira - Bem sei hoje compreendo perfeitamente. Naquela ocasião, entretanto, cheguei a considerá-la uma creatura odiosa. (Pausa) Uma noite, depois do jantar, durante o qual eu notára meu pai vivamente preocupado, quando eu já havia me recolhido ao quarto para dormir...

(Rápida frase musical)

(Léves batidas na porta)

Herculano- (de longe) Minha filha!

Alzira - (para longe) Ah papai, é o senhor? Entre. (Abre porta. Passos se aprox)

Herculano- Ias deitar-te agora?

Alzira - Sim, por que? O senhor desejava alguma coisa?

Herculano- Queria conversar um pouco contigo. (Pausa) Tua irmã me disse que estás de namoro com Walmir, o filho de Dona Dorotéa. É verdade? (Pausa) Porque não me respondes, filha? Diz se é verdade. (Pausa) Namorar não é crime. Pelo contrário, é uma coisa naturalíssima. Todas as moças como tu tem o direito de se distrair, logo não ha razão para que me ocultes a verdade.

Alzira - Pois bem, meu pai, se calei foi porque tive receio de descontentá-lo mas uma vez que o senhor mesmo acha uma coisa muito natural digo-lhe que é verdade o que Solange contou.

Herculano- Bem, minha filha, não ha nada demais até aí. Pôdes namorar, pôdes brincar, pôdes te distrair o quanto quizeres e com quem quizeres. Está na idade. O que não desejo, porem, é que levas a sério qualquer namoro sem que tenhas tido o cuidado de saber de mim ou de tua irmã se existe qualquer motivo que impeça a transformação dessa brincadeira em coisa séria. E faço isto no teu próprio interesse, filha. Esse rapaz, por exemplo, que presentemente namoras, é um rapaz bom, de muito boa familia, de sólida posição financeira e etc, entretanto não é um rapaz com quem possas pensar a sério em casamento.

Alzira - e por que, meu pai? Que razões existem que possam impedir a minha união com walmir?

Herculano- A razão única é a que Solange já expoz a você. É um rapaz fraco, que já traz no sangue o germen de uma doença incuravel e que tornaria o futuro da tua vida num inferno de cuidados, preocupações e sobresaltos.

Alzira - Meu pai, nada disto tem importancia para mim. Amo Walmir e desejo casar-me com ele mesmo assim. Não poderei mais conceber a felicidade ao lado de outro e não creio que seja o senhor, o meu pai, quem vá procurar destruir o meu sonho.

Herculano - Bem, minha filha, se assim é vejo que cheguei tarde. e se te falei o que acabaste de ouvir foi porque achei que mais valia prevenir do que remediar. Enfim, seja feita, pela tua vontade, a vontade de Deus.

(Rápida frase musical)

Alzira - (tom de confissão) Quando meu pai abandonou o meu quarto deixando-me o seu consentimento, ou melhor, resignando-se a que eu continuasse o meu namoro com Walmir, tive a sensação maravilhosa de ter alcançado o céu. Perdôe a comparação, padre Crispim.

Crispim - Fala, minha filha, fala.

Alzira - No dia seguinte ao encontrar-me com Walmir, contei-lhe toda a conversação que tivera com meu pai e ele, entusiasmado pela sua aquiescencia, não quiz esperar mais. Dois dias depois, trêmula e emocionada, escondida atrás do grande reposteiro da porta da nossa sala de visitas, ouvia dona Dorotêa dizer assim a papai:

(Rápida frase musical)

Dorotêa - O senhor, naturalmente, já deve mais ou menos imaginar o fim da minha visita à sua casa, senhor Herculano.

Herculano - Confesso-lhe, dona Dorotêa, que não ignoro a afeição que une os nossos filhos. Penso que a sua visita deverá prender-se justamente a esse assunto.

Dorotêa - Exatamente, senhor Herculano, exatamente. É justamente por isto que me encontro aqui. Meu filho Walmir incumbiu-me de pedir a mão de sua filha Alzira em casamento e aguarda em casa, ansioso, a resposta de que serei portadora. Que deverei dizer-lhe?

Herculano - Dona Dorotêa, devo dizer-lhe que qualquer pai que recebesse um pedido desta natureza de um rapaz tão bom e correto como o seu filho, só poderia considerar-se lisonjeado; entretanto, devo confessar-lhe também que não deixo de ter as minhas preocupações a respeito da sua saúde. Perdôe se sou assim tão franco mas... é este o meu maior defeito. A senhora compreende... os antecedentes da família...

Dorotêa - Compreendo perfeitamente, senhor Herculano e não posso deixar de considerar muito justas as suas preocupações, entretanto afianço-lhe que ele está em perfeita saúde e que eu, de minha parte, não me descuido nunca em proporcionar-lhe todos os cuidados capazes de impedirem um assalto inesperado do terrível mal que me roubou os tres mortos queridos: Amarelho, Walmor e Walfredo. Ninguém mais do que eu terá interesse em cuidá-lo. Ele é tudo que me resta neste mundo, senhor Herculano.

Herculano - Está claro, está claro. É isto mesmo.

Dorotêa - Estou disposta, até, antes que o senhor me dê uma resposta definitiva, a levá-lo a um médico qualquer da sua confiança e sujeitá-lo a um exame na sua própria presença.

Herculano - Não, não, dona Dorotêa, não ha necessidade disto. Confio inteiramente na sua palavra e se lhe faeli no assunto foi apenas por um descargo de consciência. Mesmo porque minha filha já me declarou que a felicidade dela está nas mãos do seu filho e não seria eu quem teria a coragem de destruir o seu primeiro sonho de amor.

Dorotêa - Juro-lhe, senhor Herculano, que meu filho fará muito feliz a menina Alzira. Ele é louco por ela. Se pudesse ver a inquietação e a ansiedade em que o deixei lá em casa! Parecia uma criança pequena em véspera de Natal. Dobre do meu filho! Ele bem merece a felicidade! É tão bom!... (Pausa) E então, senhor Herculano, o que lhe devo dizer?

Herculano - Diga-lhe que sim.

(Rápida frase musical)

Alzira - (tom de confissão) Ao ouvir meu pai pronunciar essa última frase, tive quasi uma vertigem de felicidade. Agarrei-me com força ao reposteiro onde estava escondida para não cair e denunciar-me. Sentia vontade de correr, voar dali para não ser vista mas meus pés teimavam em não obedecer. Dona Dorotêa saiu e quando papai, de volta, passou pela porta onde eu estava, cai-lhe nos braços a chorar de alegria. Até então eu ignorava que a alegria também nos fizesse chorar.

- Crispim - Faz, sim, minha filha. A alegria, quando é muito grande, da mesma forma que a dor nos faz vir as lágrimas aos olhos.
- Alzira - E desde aí começou para mim um período áureo de felicidade. Naquela mesma noite Walmir veio visitar-me, trouxe as alianças que papai mesmo colocou nos nossos dedos e trouxe-me, também, de presente de noivado, um bonito anel de pérolas e brilhantes que fora o mesmo que seu pai dera à sua mãe no dia em que haviam contratado casamento. Passados os primeiros momentos de formalidade e de constrangimento, quando já todos começavam a se sentir mais à vontade, papai e Solange foram mostrar a nossa casa a dona Dorotêa e nós ficamos os dois sósinhos, por alguns momentos, na sala de visitas onde os havíamos recebido. Foi então que ele acercando-se de mim disse:
- (Ligeira frase musical)
- Walmir - Alzira, minha querida e encantadora noivinha: é tão grande, tão grande a felicidade que experimento neste instante que desejaria fazer parar o tempo para que ela nunca mais se desvanecesse. Amas-me como eu te amo?
- Alzira - Amo-te, sim, Walmir, amo-te muito. Hoje mais do que ontem e amanhã, com certeza, muito mais do que hoje. Serás sempre bom para a tua Alzira? Prometes?
- Walmir - Hei de fazer por ti, querida, o que nunca fiz por ninguém, nem mesmo por minha mãe. Farei, se quizeres, para a tua alegria, baixar à terra um pedaço do céu cheio de estrelas. Serás a minha rainha e a minha companheira. Hei de viver por ti e para ti, minha querida Alzira.
- Alzira - Meu noivo querido! E eu serei tua! Só tua! Inteiramente tua!... (beijo) Agora sim. Agora é que eu desejaria poder fazer parar o tempo! (Passos que se aproximam e a voz de dona Dorotêa elogiando a casa)
- Dorotêa - É uma casa muito boa! As peças muito amplas, muito arejadas! É pena que sejam somente os três numa casa tão grande!
- Herculano - É que ela foi construída logo que nos casamos e como alimentávamos o desejo de ter muitos filhos estávamos longe de imaginar que o destino nos preparava uma cilada.
- Dorotêa - Bem, bem, mudemos de assunto. Não falemos em coisas tristes. Hoje o dia deve ser só de alegrias para todos nós. Minha querida filha, vou fazer-lhe um pedido que você não poderá dizer não.
- Alzira - Um pedido, dona Dorotêa? Fale. Eu estou curiosa.
- Dorotêa - Ouvi dizer que você toca muito bem piano e desejo ouvir alguma coisa.
- Alzira - A senhora já declarou que eu não poderei dizer não eu não terei remédio senão tocar e a adianto-lhe que toco mal.
- Dorotêa - Pois quero ver quem falou a verdade: si a pessoa que me deu informação ou si você. Vamos, toque.
- Alzira - Qual a sua preferencia? Chopin, Liszt, Betowen?
- Dorotêa - Goáto de todos ele.
- Walmir - ~~Madama~~ <sup>Bethoven</sup> minha querida. É o meu preferido.
- (Couve-se em sólo de piano a Sonata Ao Luar de Bethoven. Ao terminar duas pessoas, apenas, aplaudem)
- Walmir - Divina! Maravilhosa!...
- Dorotêa - Mas você é uma exímia pianista, minha querida! Toca maravilhosamente bem! Quem foi a sua professora? (Passos que se aproximam)
- Alzira - A minha professora foi... Ohe, casualmente ela aí vem.
- Dorotêa - Sua irmã? Meu parabens. Meus sinceros parabens.

Solange - Muito obrigada, dona Dorotêa. Vamos passar para a sala de jantar, sim?  
O chá está servido.

(Rápida frase musical)

Alzira - (tom de confissão) E assim os dias foram se sucedendo num rosário de horas felizes, a esperança a embalar sempre os nossos sonhos. Enquanto Walmir se empenhava nas obras da casa que mandára construir para nós eu empregava o meu tempo nos cuidados do meu enxoval. E assim os dias foram correndo serenos e tranquilos até que veio o inverno, um inverno inclemente como não os nossos que o senhor bem sabe.

Crispim - Se o sei, minha filha!

Alzira - E foi no inverno que Walmir, inesperadamente, viu-se atacado de uma gripe fortíssima. Com a gripe veio uma febre teimosa e renitente que não havia meios de abandoná-lo. Preocupada, dona Dorotêa tratou de procurar logo um especialista que depois de examiná-lo rematou dizendo...

(Rápida frase musical)

Dilermando - Minha senhora, compreendo que é profundamente doloroso e desagradável o que lhe vou dizer mas... seu filho...

Dorotêa - (após uma pausa, aflita) Fale, doutor, fale. Ainda que seja muito dolorosa essa verdade eu não desejo ignorá-la.

Dilermando - Pois bem, a verdade é a seguinte: seu filho está com os dois pulmões afetados pela mesma molestia que matou seu marido e seus dois filhos.

Dorotêa - Eu já estava à espera dessa sentença de morte, doutor. (Pausa) Que te rei feito a Deus para pagar-lhe tão pesado tributo? Este filho é tudo que ainda me resta no mundo. Será possível, doutor, que não exista nenhum meio de salvá-lo?

Dilermando - Talvez exista, mas não aqui, dona Dorotêa.

Dorotêa - Seja onde fôr, doutor, eu irei. Levarei o meu filho. Eu previso salvá-lo. Não tenho a mais ninguém sinão a ele.

Dilermando - Deve-o para a suíça, então. Lá, será talvez o único lugar onde ele possa curar-se.

(Rápida passagem musical)

Alzira - (tom de confissão) E enquanto tudo isto se passava, eu, longe de imaginar a verdade, limitava-me a rezar e a pedir a Deus que o curasse depressa para que pudéssemos realizar o nosso sonho dentro do prazo que havíamos determinado. Foi quando, inesperadamente, recebo uma carta de Walmir contando-me a verdade, desfazendo o noivado e comunicando o seu embarque, no dia seguinte, para a Europa. Quasi enlouqueci de dôr, Padre Crispim.

Crispim - Fôbre da minha filha!... Imagino bem o quanto deves ter sofrido!...

Alzira - Fiz então o oferecimento da minha vida à Nossa Senhora da Conceição, em troca da vida de Walmir. E dias depois do seu embarque comuniquei a Papai a minha intenção de tornar-me freira. Lembro-me como se fôsse hoje...

(Rápida passagem musical)

Herculano - Não, minha filha, não posso concordar. É uma loucura o que vais fazer.

Alzira - Loucura por que, meu pai? O que desejo agora é a paz, é o socego, é a calma interior. E onde mais poderei achá-la sinão no convento?

Herculano - Minha filha, eu te compreendo perfeitamente. Tens a alma dorida com o profundo golpe que a vida te desferiu e acreditas que somente num convento, isolada de todos, poderás encontrar a paz que tanto almejas para o teu coração, entretanto eu, que sei muito bem como essas coisas são, arianço-te que estás completamente iludida.

Alzira - Iludida, meu pai?

Herculano - Sim. A principio, enquanto o teu coração ainda estiver muito dolorido, a solidão te fará bem e tu te sentirás a gosto com ela, mais tarde, porém, quando sarada a ferida, voltar ao teu coração o desejo de viver novamente, aí então chorarás amargamente a loucura do teu gesto.

Alzira - Não, meu pai, não na razão do senhor ter receio de que isto aconteça, porque esse desejo de viver, em mim, jamais resuscitará. Ele está morto para sempre.

Herculano - É o que parece, minha filha, é o que parece. Quem pôde lá prever o que está para suceder no dia de amanhã? Que sentimentos estarão para nos assaltar o coração? Eles surgem sempre de inopino. ~~E~~ quando qualquer lei ou convenção social impede-lhes de que se expandam aí mesmo é que eles teimam em crescer e se dilatar até que tenham rompido o dique que lhes constrange os movimentos. E quer afrontando a tudo corajosamente e rompendo esse dique ou recalçando os nossos sentimentos por temor a ele o nosso sentimento é enorme. Atende-me minha filha. Tu estás presa de uma alucinação que o tempo se encarregará de desvanecer.

Alzira - Não, meu pai, engana-se. O meu ato foi pensado e medido. Sinto-me incapaz de guardar comigo o grande e ardente amor que dedicára a Walmir. Preciso depositá-lo aos pés de alguém mas de alguém que seja capaz de merecê-lo. E que melhor depositário eu poderia escolher para um amor tão profundo e sincero do que o meigo e amavel Jesus? Só a ele desejo amar agora e a ele darei em holocausto a minha vida.

Herculano - Estás completamente alucinada, Alzira. Suponhamos, por exemplo, que Walmir regressasse amanhã da Suíça, completamente restabelecido. Não tens medo de te arrependeres neste caso?

Alzira - Se isto acontecer, meu pai, razão maior terei de permanecer no convento porque então terei sido atendida na promessa que fiz à Nossa Senhora da Conceição de dar-lhe a minha vida em troca da sua. Prefiro-o vivo e são ainda que jamais me possa pertencer, a saber que a luz daqueles olhos incomparáveis extinguiu-se para sempre na treva insondável da morte. (Pausa) Perdoe-me querido pai mas sinto que não existem palavras capazes de convencer-me de desistir do meu intento.

Herculano - Está bem, minha filha, então se assim é nada mais te direi. Vai. (Passos que se afastam, lentos) Eu deveria, talvez, ter feito uso da minha autoridade paterna mas do que me serviria resolver o caso pela violencia? Que me adeantaria conservá-la a meu lado, eternamente triste, acreditando-se ainda mais infeliz por ter sido impedida de seguir o caminho indicado pelo seu coração? (Passos que se aproximam) Assim, pelo menos, não terei que sentir remorsos no futuro.

Solange - E então, papai, falou-lhe?

Herculano - Sim. Utilizei todos os argumentos que me ocorreram na ocasião mas infelizmente tudo foi inútil.

Solange - Então ela vai sempre?

Herculano - Sim.

Solange - E quando, não disser?

Herculano - Nem lhe perguntei. Já que não posso mais retê-la a meu lado deixa que se vá quando quiser.

(Rápida frase musical)

Alzira - (tom de confissão) Poucos dias depois meu próprio pai entregava-me à Superiora deste Convento de Franciscanas onde venho vivendo ha quasi cinco annos, amargurada e infeliz a principio mas depois tão tranquilla e ditosa na paz da minha cela que cheguei a denominá-la de céu côr de rosa. Todo o reflexo de amargura que o passado pudesse ter deixado em minha vida, dessa parecia mal eu tivesse transposto aquella porta de madeira tosca e os meus

olhos se detivessem na imagem de Jesus crucificado pendurado à cabeceira do meu catre. E agora, nas vésperas de receber o hábito das franciscanas e justamente quando eu acreditava sublimar a minha felicidade...

Crispim - ... eu, sem querer, vim revolver as cinzas do teu passado e toldar de nuvens escuras o teu céu cor de rosa.

Alzira - Não se julgue culpado por isto, padre Crispim. Estava escrito no livro grande do destino que assim deveria suceder. O que eu desejaria agora, meu bom padre Crispim, é que o senhor me aconselhasse.

Crispim - Eu aqui estou <sup>exatamente</sup> ~~estando~~ para isto, minha filha. Para aconselhar-te, ~~ap~~ solar-te e dar-te a necessária coragem para que atravesasses, sem naufragar, a tempestade que te envolve.

Alzira - Desde ontem que soam aos meus ouvidos as palavras pronunciadas por meu pai há cinco anos atrás, no momento em que ele procurava dissuadir-me de entrar para o convento. Ele disse: "suponhamos, por exemplo, que Walmir regressasse amanhã da Suíça completamente restabelecido.../ Não tens medo de te arrender neste caso?"

Crispim - E tu lhe respondeste que aí então é que terias mais fortes razões para permanecer aqui, porque havias prometido à nossa senhora da Conceição a tua vida em troca da dele.

Alzira - Exatamente, meu padre. E agora desejo que me aconselhe se devo ou não cumprir a promessa que fiz.

Crispim - (após uma pausa) Minha filha: ao dar-te um conselho agora, o meu fim principal será salvaguardar a tua tranquilidade de espírito e esta eu não posso crer que tu chegues a alcançar, faltando à tua promessa; porque se amanhã a enfermidade de Walmir voltasse a atacá-lo tu verias sempre nesse retorno da molestia um castigo do céu pela falta do cumprimento ao prometido e então o remorso seria sempre um espinho agudo cravado no teu coração. Diante disto, que me parece quasi inevitável, o melhor que tens a fazer...

Alzira - (após uma pausa) Compreendo, meu padre. É ficar onde estou.

(CORTINA MUSICAL)

(ANÚNCIO)

(CORTINA MUSICAL)

Brunilda - A quem devo anunciar?

Solange - Sua irmã e seu pai.

Brunilda - tenham a bondade de esperar um momento, sim? Com licença. (Passos af.)

Herculano- Crês que deveremos dizer-lhe da chegada de Walmir?

Solange - Para que? É melhor não dizer nada. Não creio que isto pudesse causar-lhe qualquer dano tanto ela me parece identificada com a sua nova vida, entretanto para que acordar coisas mortas? É melhor que ignore.

Herculano- Ela vai ficar triste de não assistirmos a sua ordenação.

Solange - Acredito que saberá compreender que o motivo é imperioso. O médico insiste em que o senhor se refugie na praia o mais depressa possível, e além do mais não me parece que ela tenha o direito de exigir do senhor um sacrifício tão grande. (Passos que se aproximam) É uma cerimonia muito impressionante que poderá abalar profundamente o seu sistema nervoso...

Alzira - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Herculano- Para sempre louvado seja. minha filha. Mas como estás pálida! O que tens?

Alzira - Não se preocupe, meu pai. Uma ligeira indisposição. Não os esperava hoje de visita.

Solange - É que vamos amanhã para a praia e como não estaremos aqui no domingo quizemos nos despedir de ti.

- Alzira - Que pena! Eu que tanto havia pensado em convidar-te para minha madrinha, Solange.
- Solange - Tenho pena, também, mas o médico insiste que o papai saia daqui o quanto antes. Não desejamos contrariá-lo... tu compreendes que seria uma responsabilidade muito grande para mim, depois, caso ele piorasse.
- Alzira - É claro, fazem muito bem. Tenho fé em Deus que o senhor ha de voltar melhor, meu pai. Eu aqui ficarei a rezar pelo senhor. E rezarei tanto que tenho a certeza de que sereis atendida.
- Herculano - Também eu, minha filha, hei de pedir muito a Deus que te inspire e te ampare. que nunca te arrependas do passo que vais dar e que dentro dos muros deste convento possas continuar a sentir sempre, no teu coração, a paz que na vida profana não conseguiste alcançar!...

(CORTINA MUSICAL)

- Alzira - Dona Dorotéa!... A senhora aqui!...
- Dorotéa - É verdade, eu mesma. Fui informada de que receberias amanhã o hábito de franciscana e como desejava antes disto conversar contigo deliberei vir aqui visitar-te.
- Alzira - Eu já sabia que a senhora havia chegado e fiquei muito satisfeita em saber que ele voltou bom.
- Dorotéa - Graças a Deus, minha filha! Completamente bom. Não foram inúteis as lágrimas amargas que chorei e as preces que dirigi ao céu para que tivesse pena dele e de mim.
- Alzira - Deus é bom e nunca desampara os que n'Ele confiam, dona Dorotéa.
- Dorotéa - É verdade, sim, minha filha, é verdade. Quem te informou que havíamos regressado? Teu pai?
- Alzira - Não. Foi o Padre Crispim.
- Dorotéa - E ele sabe o que houve entre vózes?
- Alzira - Sim, contei-lhe tudo.
- Dorotéa - Pois é ainda a propósito disto que me encontro aqui. Walmir não se conforma com a tua resolução e pediu que viesse procurar-te para interceder por ele, tentando evitar que ingresses definitivamente na vida monástica.
- Alzira - É tarde, minha boa amiga, é muito tarde. Não me desviarei um passo do caminho que devo seguir.
- Dorotéa - Já não o amas mais, então?
- Alzira - Não. Amo a Jesus somente.
- Dorotéa - E o que te fez o meu Walmir para que deixasses de amá-lo?
- Alzira - Nada absolutamente, mas foi Deus quem determinou que seguíssemos caminhos opostos.
- Dorotéa - Tu não o amaste nunca, é o que me quer parecer.
- Alzira - Não diga sacrilégios, minha boa amiga. Amei-o tanto e tão profundamente que sabendo-o condenado à morte pela enfermidade que o assaltou, fiz a promessa de dar a minha vida a Jesus se a dele fôsse poupada.
- Dorotéa - Estás presa, então, à palavra que empenhaste e não aos teus sentimentos.
- Alzira - Estou presa ao maior e melhor amor que ha no mundo porque é o único - ou viu bem? - o único que não nos causa dores nem tristezas. Volte, dona Dorotéa, volte e diga ao seu filho que me esqueça e procure, ao lado de outra, a religião que eu lhe prometi mas que não lhe posso dar.

(CORTINA MUSICAL)

Walmir - E então, mamãe, conseguiu vê-la?

Dorotêa - Sim, meu filho.

Walmir - Falou-lhe?

Dorotêa - Sim.

Walmir - E ela? O que disse? Depressa, mamãe, fale.

Dorotêa - Persiste inflexível na ideia de tornar-se freira. Disse que nada a demoverá desse intento.

Walmir - É porque não me tinha amor, então. Sim, é só o que eu posso pensar. Nada mais. (Pausa) Mas... e agora, mamãe, o que farei?

Dorotêa - Não sei, meu filho.

Walmir - De que me adiantou o esforço gigantesco e sobrehumano de lutar contra a morte? Para que? Para que viver outra vez se está morto o meu sonho de felicidade?

Dorotêa - Para que viver outra vez, meu filho?!... Não fales assim que me entristeces. E então o meu amor nada representa para ti? As minhas insônias, as minhas lágrimas, o meu desasocego e a minha angústia de tantos e tantos anos não valerão o sacrifício de de aceitares, por mim, resignadamente a vida sem ela?

Walmir - Perdôa, minha mãe. Foi o peso da dor que me fez falar assim. A negativa de Alzira restitue hoje a ti todo o meu amor. Só a ti amarei de hoje em diante e só por ti viverei. E nunca, nunca mais hei de acreditar em outro amor que não seja o amor materno!...

(CORTINA MUSICAL)

(CORO DE MUSICA SACRA, DE PREFERENCIA COM VOZES FEMININAS, TOCANDO FORTE A PRINCIPIO E DEPOIS FAZENDO FUNDO PARA TODA A CENA. CASO NAO HAJA O DISCO DESTA NATUREZA SERVIRA UM SOLO DE ORGÃO EM MUSICA SACRA. SINOS BADALANDO FESTIVAMENTE, FAZENDO FUNDO TAMBEM PARA TODA A CENA).

Bazilio - Minha filha: acabas de receber a Jesus como teu esposo, e os votos que fizeste, de castidade, pobreza, humildade e obediencia deverão estar sempre presentes no teu coração para que possas ser a esposa terna, amorosa e digna do teu divino esposo e senhor - Jesus Cristo. (Pausa) Desde o instante em que coloquei no teu dedo a simbólica aliança do matrimonio que te encontras ligada a Jesus pelo pensamento e pelo coração. (Pausa) E neste momento em que deponho sobre a tua cabeça este manto preto e esta corôa de espinhos desaparece para sempre aos olhos do mundo a noviça Alzira e surge, para substitui-la, Soror Mariana da Encarnação. (Pausa longa). Soror Mariana da Encarnação: bemvinda sejas à casa de Deus em nome de Jesus e da Virgem Maria. Aqui a paz ha de reinar sobre o teu coração e o teu amor ha de se expandir alem destas paredes, buscando a todos os que sofrem, a todos os que se encontram no abandono, aos que tem fome e sede, aos doentes e aos enregelados!... Os órfãos hão de encontrar no teu amor o amor de suas mães de quem a morte os privou. Os descrentes hão de encontrar na tua fé a promessa e a esperança de uma vida melhor. Teus braços hão de amparar aos que tombarem vencidos e os moribundos hão de sentir a carícia suave dos teus dedos, fechando-lhes as pálpebras no momento em que Deus os chamar. (Pausa) Bemvinda sejas à casa de Deus, Soror Mariana da Encarnação, como obreira que has de ser da sua santa causa!...

(CRESCER AOS POUCOS O CORO OU O DISCO DE ORGÃO, CHEGANDO A TOCAR FORTE e baixando depois, a seguir, até ser substituído pela)

(CORTINA MUSICAL)

(Ouve-se um sino repicar festivamente a alguma distancia)

Crispim - Não esperava encontrá-la aqui, irmã Brunilda. Pensei que estivesse também na capela assistindo a ordenação.

Brunilda - estava, sim, padre Crispim. Vim de lá neste instante colocar estas rosas na cela de Soror Mariana. Foi a madrinha dela que pediu para que eu fizesse isto. (Cessam os sinos).

Crispim - Terminou a cerimonia. Saia, irmã Brunilda. Quero estar só para receber Soror Mariana da encarnação. (Passos que se afastam) Talvez que a minha presença aqui amaine o vendaval daquela pobre alma! Ter-se junto de nós alguém que seja capaz de compreender o que estamos sentindo, é saber que não estamos inteiramente sós e que na treva de uma noite imensa há uma luz pequena ao longe. E essa pequena luz, embora muito distante, pôde salvar-nos muitas vezes de cairmos no desespero. (Pausa) Pobre Alzira! A sua luta terá que ser imensa mas a misericórdia de Deus ha de salvá-la. (Passos que se aproximam) Ela aí vem. É necessário que a receba com um sorriso.

Alzira - Ah meu bom padre Crispim, fez bem em ter vindo.

Crispim - Como se sente, minha filha?

Alzira - A seu lado sinto-me sempre bem, padre Crispim. Tenho a impressão de que não estou tão só.

Crispim - Tu nunca estarás só, minha filha. Jesus estará sempre contigo porque ele está sempre ao lado daqueles que sofrem.

Alzira - Acredito, sim, padre Crispim e hoje tive bem ocasião de observar isso. No momento em que me dirigi para o altar, afim de receber a Jesus, senti um medo tão grande, tão grande, que tive vontade de correr. Depois que o Padre Bazilio colocou no meu dedo a aliança simbólica, o meu espirito começou a serenar, os meus nervos foram a pouco e pouco se acalmando e quando substitui o meu véo de noiva pelo véo preto e a coroa de espinhos eu já sentia uma paz quasi total dentro do meu coração. Era assim como se eu estivesse sentindo uma dor muito forte e me tivessem dado um remédio. A dor ainda continuava a doer mas o remédio fizera um efeito tão grande que o pouco que restava eu já quasi nem sentia. Foi então que tive a certeza de que Jesus estava comigo!...

Crispim - Bem, minha filha, eu estava aqui apenas para receber-te, receando que o desânimo se tivesse apossado de tu'alma. Vejo, porem, com alegria, que foste mais forte do que eu pensava. Também, pudera!... Quem não será forte sentindo Jesus a seu lado? Bem, deixo-te agora. Precisas ficar só. Não estarás só, bem que o sabes. Estarás com Aquele que ha de transformar novamente esta cela no teu céu cor de rosa!... (Passos que se afastam)

(Começa a ouvir-se o disco Céu Cor de rosa, muito suavemente, fazendo fundo às palavras de Alzira)

Alzira - (após uma pausa longa) O meu céu cor de rosa!... (Pausa, chorando) Oh, meu Deus, meu Deus!... Para que me falou ele do meu céu cor de rosa? Eu queria esquecê-lo. Eu preciso esquecê-lo. (Pausa) O meu céu cor de rosa! Tão lindo ele era!... Hoje pesadas nuvens cor de chumbo empanam a sua beleza! Quando será que essas nuvens se dissiparão? Quando será que o meu céu voltará a ser róseo? Quando será, meu Deus?!... Quando será? (Desata em pranto convulso)

(Característica forte)

SPEAKER - Este foi, caríssimos ouvintes, o primeiro capítulo de Céu Cor de Rosa, que Roberto Lys escreveu, dirigiu e interpretou com os seus Artistas. Na proxima terça feira, às mesmas horas de hoje ouçam o segundo e último capítulo de Céu Cor de Rosa!...

(FAZ O ENCERRAMENTO DE ACÓRDO COM A FÓRMULA ENVIADA PELA PANTACO)

(Característica forte para final do programa)

(Característica musical - INDIAN SUMER)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

ROBERTO: - CÉO COR DE ROSA!... (Sóbe outra vez a característica)

SPEAKER: - A história de uma mulher que por amar a um homem desesperadamente, deu por ele a sua vida em holocausto a Jesus, fazendo-se religiosa. Mas, como se não bastasse o sacrifício imenso da sua renúncia, salvo aquele homem, ainda uma vez o destino o colocou no caminho daquela pobre alma para fazer desencadear-se sobre ela o temporal do desejo e da revolta. Passado, entretanto, o fragor da tempestade, embora o amargor das lágrimas vertidas ainda deixasse dolorosos reflexos nos olhos de quem as chorara, a lâmpada esplendente da fé emergia novamente da sombra, iluminando o caminho que o dever apontava àquele coração admirável!...

No segundo e último capítulo de Céu Cor de Rosa, teremos a seguinte distribuição:

Soror Mariana da Encarnação.....	<i>Liliana</i>	Carmen de Alencar
Walmir.....	<i>Clair</i>	Roberto Lis
Padre Crispim.....	<i>Roberto</i>	Claudio Seal
D. Dorotéa.....	<i>Conceição</i>	Lilia Maria
D. Escolástica.....	<i>Lidia</i>	Branca Margarita
Maria Aparecida.....	<i>Lia</i>	Maria Zita
Dr. Sezefredo.....	<i>Marcos</i>	Carlos Moré
Edmundo.....	<i>Potaferran</i>	Pitágoras
Irmã Benigna.....	<i>Nina</i>	Gissela Castro
Encarregado do Estúdio.....		Emilio Belo
Sonofonia de.....		

(Sóbe a característica musical, baixando depois para falar o speaker)

SPEAKER: - No primeiro capítulo de Céu Cor de Rosa, Alzira Mendez, na sua festa de estreia em sociedade, veio a conhecer Walmir, por ele apaixonando-se perdidamente. Tornaram-se noivos e algum tempo depois Walmir adoeceu gravemente, atacado de uma tuberculose pulmonar. Sua mãe, Dona Dorotéa, desesperada com a ideia de perdê-lo, levou-o, a conselho do médico, para uma estação de cura na Suíça. Walmir, ao embarcar, deixa à sua noiva uma carta desfazendo o compromisso de noivado. Alzira, no auge da sua dor, promete a Nossa Senhora da Conceição tornar-se freira desde que a vida de Walmir seja poupada, e dizendo que preferia perder o seu carinho a saber que a luz daqueles olhos admiráveis havia se extinguido para sempre na escuridão insondável da morte. Cinco anos permaneceu ela no Convento como noviça e ao fim desse tempo quando a sua angústia já serenara e ela já se sentia tão feliz na sua cela a ponto de denominá-la o seu "céu cor de rosa", eis que Walmir regressa completamente restabelecido. Uma luta imensa trava-se então na alma daquela pobre creatura mas a assistência carinhosa do padre Crispim impede-a de sossobrar. E ficamos precisamente quando a noviça Alzira recebendo o hábito de franciscana recolheu-se ao seu céu cor de rosa já como Soror Mariana da Encarnação. Vejamos agora o que depois aconteceu.

(Característica forte, baixando a seguir)

- Walmir - Desculpe se o venho importunar, senhor Padre, mas a fama que o cerca de ser tão bondoso e ao mesmo tempo um extraordinário conselheiro, foi que me trouxe até aqui na esperança de conseguir um lenitivo para a minha angústia.
- Crispim - Estou às tuas ordens, meu filho. Fala e crê, ao mesmo tempo, que se estiver nas minhas possibilidades dar-te o remédio que precisavas de sair daqui mais aliviado.
- Walmir - Obrigada. <sup>precisava</sup> (Antes, porém, de lhe ter exposto o meu caso, eu ~~necessitava~~ que o senhor respondesse a duas ou tres perguntas que sinto necessidade de lhe fazer.
- Crispim - Desde que eu possa respondê-las sem afetar o sigilo inviolável das confissões que me tivessem sido feitas...
- Walmir - Em primeiro lugar eu desejava saber se foi realmente o senhor o guia espiritual de Alzira Mendez.
- Crispim - O guia espiritual de Soror Mariana da Encarnação, queres tu dizer? Sim. Fui e o sou, ainda.
- Walmir - Foi então o senhor que a aconselhou a tomar definitivamente o hábito das franciscanas?
- Crispim - Aconselhei-a a não faltar á promessa que havia feito a Nossa Senhora da Conceição, meu filho.
- Walmir - E o senhor sabia que nós nos amávamos?
- Crispim - Sim, ela contou-me tudo.
- Walmir - E mesmo assim teve a coragem de aconselhá-la a seguir um caminho diferente daquele que lhe ditava o seu coração? Não atentou em que ela serviria melhor a Deus como esposa dedicada e amante ao seu marido, dentro do seu lar, do que como religiosa insatisfeita e talvez até futuramente revoltada, dentro de um convento? Não pensou em que seria mil vezes preferível a ordem perder uma adepta salvando uma alma do que prender o seu corpo e perder essa alma? Porque fez isto, padre Crispim? Se é tão bom, como dizem porque teve a coragem de praticar tamanha atrocidade?
- Crispim - Porque na ocasião de aconselhar aquela alma aflita que a mim se dirigia, pedindo auxilio e agasalho, não tive em mente outra preocupação que não fôsse a de salvaguardar a sua tranquilidade de espirito e a sua paz de consciencia. Convivi com ela cinco longos anos, meu amigo, ou seja, todo o período do seu noviciado. Conhecia-lhe todos os refolhos da alma. Toda a sua sensibilidade. Toda a delicadeza dos seus sentimentos. Sabia que ela sofrera muito ao entrar para o convento mas que finalmente já se adaptara áquela vida de completa quietude e absoluta calma e que se sentia feliz dentro dela. Acompanhei, depois, a tormenta implacavel que o seu retorno fez desabar sobre aquela pobre alma. Mas eu tinha a certeza de que o vendaval passaria e a paz voltaria a penetrar-lhe o coração, restituindo-lhe a felicidade. A seu lado, meu amigo, a paz não voltaria nunca! O receio da promessa não cumprida seria um espinho cravado na sua confiança e os imprevistos todos que surgissem na sua vida seriam levados á conta de um castigo que Deus, em verdade, nunca seria capaz de dirigir a seus filhos. Entre sofrer mais um ano e encontrar depois a paz para o resto da vida ou gozar alguns mezes e depois ter o resto da existencia de inquietudes e desasocegos, achei que seria preferível a primeira solução. Aí está porque a aconselhei a cumprir a sua promessa. Se acha que errei creia que não o fiz com a intenção de conseguir mais uma freira para a ordem das franciscanas. Foi, repito, com a intenção única de salvaguardar a sua paz no futuro.
- Walmir - Mas esqueceu-se de mim. E eu? O que farei agora sem ela?
- Crispim - Procurarás resignar-te á sua ausencia e na resignação encontrarás a força necessária para resistir aos teus padecimentos. E o tempo - o grande lenitivo de todas as dores sem remédio - fará com que a esqueças um dia e venhas a encontrar ainda um dia, ao lado de outra, a felicidade que tanto ambicionaste ao lado dela.

Walmir - Um amor assim tão forte como este meu é difícil de esquecer, Padre Crispin.

Crispin - Nada é mais forte do que o tempo, meu bom amigo. Não há sentimento algum que possa resistir à sua ação destruidora. Si ele é o veneno que destrói as flores, fenece a beleza e dissipa os perfumes é também o remédio que aplaca as feridas da alma e transforma em sorrisos as lágrimas de amor que os nossos olhos possam ter vertido um dia. Tenha fé em Jesus como ela teve... e espere. E essa espera não será em vão. Um dia os espinhos todos da sua vida se transformarão em rosas cujas pétalas formarão o tapete macio onde os seus passos se perderão!... E então o meu amigo há de voltar a sentir outra vez a beleza e o encanto de viver!...

(CORTINA MUSICAL)

Dorotéia - Não comeste nada outra vez, meu filho. Desta maneira irás enfraquecendo cada vez mais e ficarás sem forças para reagir. Vamos, tenta comer alguma coisa mais.

Walmir - É impossível, mamãe. Por maior esforço que faça em tornar-me agradável à senhora, essa força interior que me obriga a repelir os alimentos é mais forte do que a minha boa vontade. Não insista, por favor. Sinto que é inútil.

Dorotéia - Mas meu filho, tu desta maneira caminhas a passos largos de encontro à morte. Será possível que, voluntariamente, inutilises todos os meus esforços no sentido de salvar-te? Pensa nas lágrimas todas que eu já chorei. Nas longas noites de insônia em que estive a teu lado de rosário na mão. Nas angústias, nas incertezas e nos pavores que povoaram o meu pobre coração cansado em todos aqueles anos em que estivemos no sanatório da Suíça. Quantas vezes, lá, assaltou-me o pensamento de que se tu me faltasses eu morreria de dor!... E ao fim de uma luta tão árdua, quando eu acreditava ter vislumbrado os primeiros albos da vitória, eis que a treva da incerteza volta a envolver-me toda, aterrando-me, enregelando-me!... (chorando) Oh meu filho, meu filho!... Se soubesses o quanto eu sofro!...

Walmir - Minha mãe, não chore assim. Não chore que o seu pranto torna ainda maior a minha angústia e faz-me experimentar o sentimento doloroso de um remorso cuja culpa afinal eu tenho a convicção de que não me cabe.

Dorotéia - (chorosa) Tu não estou te acusando, meu filho. Apenas te peço que procures ajudar a ti mesmo. Que faças por reagir. Bem sei que não é fácil por que também já fui moça e já sofri por amor. Sei perfeitamente que nessa fase da vida, nada é tão doloroso do que vemos ruir por terra todos os castelos que havíamos construído, mas ao menos concorda com a minha proposta de afastarmo-nos daqui porque a mudança de ar e de horizontes talvez restitua ao teu corpo e ao teu espírito um pouco da coragem de viver.

Walmir - Pois bem, minha mãe, para testemunhar-lhe ainda uma vez a boa vontade que tenho em ser agradável à senhora, concordo em que partamos daqui.

Dorotéia - E para onde, meu filho? Para onde preferirias ir?

Walmir - Para qualquer lugar. É-me indiferente.

Dorotéia - Tenho pensado muito a este respeito, meu filho, e acreditei, a princípio, que num centro maior onde houvesse vida, movimento, rumor bastante e diversões sem conta, tu talvez pudesses encontrar o remédio para a tua tristeza depois comecei a recear que o contraste pudesse ser por demais chocante e em vez de acalmar-te viesse a excitar ainda mais o teu estado nervoso. Concluí, desta forma, que melhor seria procurarmos um lugar alto onde houvesse calma, quietude e onde tu também não estivesses completamente isolado do convívio de outros seres e lembrei-me que talvez fosse benéfica para a tua saúde uma estadia não muito longa na granja onde vivem tua tia Escolástica e tua prima Maria Aparecida. Tens alguma coisa a objetar à minha sugestão?

Walmir - Não, Mamãe. Para mim é completamente indiferente. Irei para onde a senhora determinar.

Dorotêa - Bem, meu filho, se assim é, vamos então experimentar a granja da mana Escolástica. Se virmos que lá estás aproveitando iremos ficando o tempo que nos parecer preciso. Se ao contrário a solidão e a quietude te fizerem mal, temos felizmente meios de procurar recursos em qualquer outro lugar. Estás de acôrdo em que partamos amanhã mesmo?

Walmir - Quando quizer, mamãe. Já lhe disse que para mim tudo é completamente in diferente.

Dorotêa - Pois bem, iremos amanhã, então.

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de cavalo que vem de longe e vai se aproximando a pouco e pouco sempre em galope largo e pára a uma certa distancia. Canto de passaros fazendo fundo para toda a cena).

Escolástica - Meu Deus do Céu!... Lá vem Maria Aparecida às disparadas naquele ca valo!... Nem parece que ha tão pouco tempo levou uma rodada e torceu um pé. E olhe que sofreu com aquele pé. Teve dores terríveis. Mais de um mez não pode calçar sapato. (gritando) Menina, menina, cuidado!... Para que essa disparada louca, Maria Aparecida?!... (Cessa o ruído do cavalo) Olhe que não faz muito tempo que você levou aquele tombo horrível!... Será possível que você esteja sempre procurando coisas para me incomodar, menina?

Maria - Óra, Mamãe que tolice!... A senhora bem sabe que eu caí porque o tordilho caiu comigo. Andar a passo não tem graça nenhuma.

Escolástica - O que não tem graça é você levar outro tombo e machucar-se.

Maria - Estou cansadíssima!... Também andei tanto e tanto por esses campos!... A manhã está belíssima, não é verdade?

Escolástica - Uma autentica manhã de primavera.

Maria - O peão já trouxe o Correio?

Escolástica - Ah é verdade, trouxe, sim. E por sinal que tenho uma novidade muito interessante para ti. Recebi um telegrama da Dorotêa anunciando a sua che gada amanhã aqui com Walmir para passar uns dias conosco.

Maria - É mesmo, mamãe? Mas que bom!... Ih eu andava mesmo desejando um compa nheiro para as minhas cavalgadas matinais.

Escolástica - Mas eu não creio que possas ter esse companheiro em Walmir, minha fi-  
lha. Segundo ouvi dizer ele parece que extranhou o retorno ao nosso cli-  
ma e está outra vez doente.

Maria - Óra, coitado!...

Escolástica - Se isto fôr mesmo verdade ele não poderá fazer nenhum excesso. Virá naturalmente para cá para fazer repouso. Foi realmente um desastre o cas amento de Dorotêa com Amarílio. Ele já era um rapaz fraco e muito o coita do do papai se aborreceu por isto. Ela não quiz dar-lhe ouvidos e o re-  
sultado veio a senti-lo mais tarde. Deixa lá que nos seus momentos de dô-  
ao perder o marido e os dois filhos, bastante ela se ha de ter lembrado  
do que o Papai lhe dizia.

Maria - Óra, Mamãe, a senhora quer saber de uma coisa? Se ela gostava dele fez  
muito bem em casar. Pelo menos viveu alguns anos de felicidade.

Escolástica - É, talvez... quem sabe? Mas a mim me parece que os cinco anos que vi veu em sua companhia não compensaram os muitos que viveu depois só com os filhos, sobrecarregada de responsabilidades, numa inquietação e numa dúvida permanente. Sabe lá quantas vezes ela não se terá arrependido mais tarde!...

Maria - Eu não estou de acôrdo com a sua opinião, mamãe. Eu tenho para mim que um instante só que seja bem vivido vale o resto da vida e as tristezas do mundo!

Escolástica - Não sei, não sei. Na tua idade geralmente pensa-se assim, mas quando já se tem vivido mais e sofrido bastante o que se seria capaz de dar, meu Deus! por uma vida de tranquilidade e bem estar!...

Maria - Nunca te arrependas do que fizeste e sim daquilo que tiveste vontade e deixaste de fazer. Li isto não sei onde mas que é batata, é batata. Bem, eu vou tomar um chuveiro e trocar de roupa.

Escolástica - Não demores muito que estamos quâsi na hora do almoço.

Maria - Em cinco minutos estarei pronta. (Passos que se afastam)

Escolástica - (após uma pausa) "Um instante só que seja bem vivido vale o resto da vida e as tristezas do mundo!" (Pausa) "Nunca te arrependas do que fizeste e sim daquilo que tiveste vontade e deixaste de fazer!" Essas meninas de hoje!... Essas meninas de hoje!... Dizem cada coisa!... Mas deixa lá que no fundo elas tem razão!

(CORTINA MUSICAL)

Escolástica - Há quanto tempo não nos encontravamos, mana Dorotêa?

Dorotêa - Há quâsi seis anos. Antes de ir para a Suíça é que estive aqui para me despedir de você. Lá permaneci pelo espaço de cinco anos e pouco. Estou outra vez aqui há dois meses, mais ou menos. Sim, é isto exatamente. Dois meses. Faz portanto quasi seis anos que não nos reuniamos.

Escolástica - Parece mentira como o tempo passa velozmente!... Você está bem, apesar da sua luta e de todas as suas preocupações. Tenho a impressão até que o ar da Suíça lhe remoçou.

Dorotêa - Em verdade voltamos muito bem, tanto eu como Walmir. Se você o visse logo que chegou, mana Escolástica... nem parecia o mesmo que é hoje.

Escolástica - Essas coisas de amor abatem muito a gente, mana Dorotêa. Mas passam, felizmente. Passam. Tudo passa na vida.

Dorotêa - É a minha esperança e o meu desejo: que tudo passe o mais breve possível.

Escolástica - Você fez bem em vir. Maria Aparecida é uma creatura muito alegre, muito cheia de vida, divertida mesmo. Ela se encarregará de distrair o primo e afianço-lhe que irá conseguir.

Dorotêa - Deus a ouça, mana Escolástica, Deus a ouça!... Chega de tanto sofrimento e de tantas lágrimas!

Escolástica - Ela já tem até um programa traçado para todos os dias. De manhã passeios a cavalo pelos campos da granja. Almoço, sesta, visita de carro aos povoados proximos, jantar, concertos de vitrola ortofônica, partidas de bridge ou de pocker e aos sabados pequenas reuniões dansantes com um grupo de amigas que costumam vis visitá-la. Não sei se você estará de acôrdo com um programa assim. Talvez que você deseje para Walmir um repouso absoluto...

Dorotêa - De momento não, mana. De momento eu creio que o mais indicado para restaurar-lhe as energias é mesmo um programa assim como este que Maria Aparecida traçou. O difícil agora será fazer com que meu filho dê a sua aquiescencia a esse programa.

Escolástica - Não se preocupe por isto, mana Dorotêa. Deixe isto aos cuidados de Maria Aparecida que ela se encarregará de convencê-lo. Você nem pôde calcular o poder de convicção que essa menina possui. É uma coisa extraordinária!... Ela chega a me deixar sem argumentos para responder-lhe quando discutimos. Por aí você imagine.

- Dorotéa. - Ah, mana, você me anima tanto e tanto com as suas palavras que eu já começo a abençoar a ideia que tive de trazer o meu filho para cá.
- Escolástica - Você não se arrepende, não. Garanto-lhe. Ouça lá: a que horas vocês costumam jantar em casa?
- Dorotéa - Jantamos geralmente às sete mas eu não desejo que você altere os seus hábitos de vida por nossa causa. À hora que vocês jantarem nós jantaremos também.
- Escolástica - Não, não, nada disto. Meu sobrinho necessita de um regimen? Pois muito bem. Entraremos todos nesse regimen para acompanhá-lo. Dessa forma ele não terá tão nítida a impressão de que o faz porque está doente e dele necessita e acabará por ter a impressão de que é ele que nos acompanha. Essas pequenas coisas que não parecem nada, tem uma grande influencia no espirito dos enfermos. (Batem sete badaladas espaçadas) Sete horas estão batendo no relógio da sala de jantar. (gritando) Maria Aparecida!... Valmir!... Venham, vamos jantar. Depois vocês continuam o passeio.

(CORTINA MUSICAL)

(Batem nove badaladas espaçadas)

- Maria - Bem, nove horas. Agora estamos na hora do concerto. Vou escolher o disco com que lhe daremos início. Você tem alguma preferencia, Walmir?
- Walmir - Não. Gosto da musica em geral. Uma coisa entretanto eu lhe pedirei que não toque: A Sonata ao luar de Beethoven.
- Maria - Perfeitamente. E aqui está o disco, casualmente. Vou ter o cuidado de parti-lo agora mesmo. (Ruído de um disco que se parte)
- Walmir - Óra prima, não havia necessidade disto. Bastaria que não o toasse.
- Maria - Mas é que outro poderia tocá-lo sem saber e eu não desejo que nada lhe faça mal aqui em casa. Ouça o que escolhi. Se não gostar tenha a franqueza de dizer que eu não deixarei tocar até o fim.

(Ouve-se o disco Intermezzo que deverá tocar até o fim)

É uma maravilha esta musica!... E se atentarmos bem para as suas palavras, que magnifico conselho elas nos dão!...

- Walmir - Os conselhos quasi nada nos adiantam, prima, quando não nos achamos em disposição para recebê-los. Soam aos nossos ouvidos como palavras ócas, sem a menor significação.
- Maria - Não penso como você, Walmir. Ache que eles sempre tem a sua utilidade. Se na ocasião não os quizermos escutar ou, mesmo escutando-os, não os quizermos aplicar às nossas dificuldades, servem, pelo menos, para que no futuro cheguemos à conclusão de que eles eram acertados e possamos, então, pela experiencia, transmiti-los a outros que deles possam vir a necessitar.
- Walmir - É possível que você esteja com a razão, mas eu prefiro dizer como Piti grili: "não me deem conselhos. Sei errar por mim". E só errando é que adquirimos experiencia, minha cara prima.
- Maria - Pois bem mas eu agora vou dizer a você como Oscar Wild: Infelizmente nós só adquirimos experiencia quando já não dispomos de tempo para aproveitá-la. Logo, o mais acertado é utilizarmos a experiencia que os outros mais velhos já adquiriram ou então resignarmo-nos a errar, errar, até envelhecer. E procedendo assim terminaremos sendo uns errados. Bem, deixemos de filosofia barata e combinemos o nosso programa de amanhã antes de escolhermos o segundo número do nosso concerto desta noite. Quer sair a cavalo pela manhã?

- Walmir - Se você não levasse a mal, prima, eu preferiria ficar deitado.

- Maria - Mas ficar deitado para que? Não foi você mesmo que disse que desde muito cedo já está acordado a virar-se na cama de um lado para o outro?
- Walmir - Sim, mas... realmente eu durmo muito pouco mas pelo menos ficando deitado o corpo está em repouso.
- Maria - De que nos adianta ter o corpo em repouso se o espírito não cessa de trabalhar? É preferível você sair, movimentar-se, ter em que ocupar a sua atenção, cansar-se, até, desde que o seu espírito seja afastado de uma ideia qualquer que lhe torture, do que estar estirado em cima de uma cama, sem dar trabalho a qualquer dos seus músculos e com o pensamento completamente enterrado numa preocupação qualquer que vai lhe causar a maior de todas as fadigas que é a fadiga moral? Tenho ou não tenho razão?
- Walmir - O que você tem, prima, é um grande poder de convicção, isso sim.
- Maria - Quer dizer então que já o convenci de acompanhar-me amanhã no meu passeio a cavalo?
- Walmir - Já, prima. Estou completamente convencido.
- Maria - E a que horas sairemos?
- Walmir - À hora que você desejar.
- Maria - Pois bem, sairemos muito cedo então e assim não lhe deixarei muito tempo entregue a reflexões que lhe fatigam e pensamentos que lhe mortificam. E agora, prosigamos o nosso concerto.

(CORTINA MUSICAL)

- Escolástica - O que tens, minha filha?
- Maria - Nada, mamãe.
- Escolástica - Óra nada. Então não vejo que tu tens alguma coisa? Julgas que me podes enganar?
- Maria - Óra essa, mamãe, a senhora tem cada uma!... Porque hei de ter necessariamente alguma coisa?
- Escolástica - Porque andas completamente diferente de uns dias para cá. Já não és mais nem sombra do que eras, minha filha. Pensas por acaso que a um coração de mãe essas coisas possam passar desapercibidas? Enganas-te. O coração das mães, sempre vigilante, descobre-as ainda mesmo que elas sejam muito bem encobertas, muito bem disfarçadas. Vamos, conta-me tudo.
- Maria - O que quer a senhora que lhe conte, mamãe?
- Escolástica - As razões que originaram essa alteração na tua maneira de ser.
- Maria - Essas razões só existem na sua imaginação. Não tenho eu saído, como sempre, todas as manhãs a cavalo? Não tenho almoçado, jantado, tocado vitrola, jogado bridge? Não leio os meus livros como sempre? Que razões podem pois existir para que a senhora faça referencia a alterações na minha maneira de ser?
- Escolástica - O teu riso, minha filha, que já não é mais o mesmo riso franco de outr'óra. É um riso exterior, um riso aparvalhado. Os teus longos olhares cismarentos, a tua abstração ao ambiente onde te encontras e sobretudo a ausencia completa daquela vivacidade que constituía um dos teus traços característicos.
- Maria - Tolices. Fantasias da sua imaginação e nada mais.
- Escolástica - Ouve, minha filha: eu sou tua mãe e tua amiga. Mereço a tua confiança e a tua obstinação em me ocultar o que sentes causa-me uma mágoa infinita. Põe de parte qualquer sentimento de orgulho, de amor próprio ou qualquer outro, enfim, que neste momento são inteiramente descabidos e conta para tua mãezinha o motivo das tuas apreensões. (Pausa) Estás amando, não é verdade?

Maria - (impaciente) Oh, mamãe!... Porque a senhora insiste em que eu fale sobre um assunto de que faço o maior empenho em me esquecer?

Escolástica - Porque vejo que ele te faz sofrer e sei o quanto é bom desabafar. Mórmente quando temos ao nosso lado alguém que se dispõe a nos dar ajuda de qualquer modo.

Maria - Pois bem, então já sabe. É exatamente isso que a senhora previu.

Escolástica - Amas a Walmir, não é verdade?

Maria - Sim.

Escolástica - E não crês que sejas capaz de vir a despertar-lhe qualquer interesse?

Maria - Não tenho nenhuma esperança, mamãe. Ele ainda tem todo o seu pensamento preso á lembrança daquela moça que se fez freira por causa dele.

Escolástica - É natural, minha querida filha. Tudo isto se passou tão recentemente. Apenas dois ou trez mezes. Lembra-te, entretanto, o seu estado de espírito e a sua tristeza infinita ha quinze dias atraz quando chegou e a sua disposição de hoje que já é visivelmente outra. Tem paciencia e espera. Continua na tua tarefa de reconstrução daquela pobre alma que eu tenho a certeza absoluta de que amanhã tu a terás conquistado. És jovem, és bela, tens alegria, tens vida, tens entusiasmo e eu não posso crer que um homem possa estar impunemente muito tempo perto de ti sem que venha a sentir a influencia de todos os teus encantos. Espera pacientemente e has de ver amanhã que eu tinha toda a razão em dizer-te isto. Alem do mais podes contar desde já com duas excelentes advogadas á tua causa: eu e tua tia Dorotéa.

Maria - Titia nem sequer suspeita o que se passa em mim.

Escolástica - Deixa, deixa que eu me encarregarei de contar-lhe tudo e pedir-lhe o seu auxilio.

(CORTINA MUSICAL)

Dorotéa - Meu filho, não imaginas a satisfação com que te vejo já mais animado, mais sorridente, mais reconciliado com a vida, enfim. Começo finalmente a acreditar que Deus ouviu as minhas preces angustiosas. Quando a alguns mezes atraz chegamos a esta casa era tal o teu desânimo e o teu abatimento que eu - confesso - não alimentava a menor esperança de verte um dia restabelecido. Hoje, graças ao Pai de infinita misericordia, vejo-te melhorando dia a dia e se permanecermos ainda ~~por~~ algum tempo por aqui eu quási que tenho a certeza de que voltarás a sentir o bafejo do amor. E tudo isto, meu filho, eu devo agradecer, depois de Deus, a Maria Aparecida que com verdadeira paciencia evangelica foi repondo pedra por pedra da cathedral desmoronada dos teus sonhos.

Walmir - Realmente, mamãe, ela tem sido bonissima para mim.

Dorotéa - Tão boa, sim, meu filho, que no afan da reconstrução de tua alma, deu-se tanto a ela que acabou destruindo a sua propria alma.

Walmir - Como assim, mamãe? O que quer a senhora dizer com isto?

Dorotéa - Então não percebeste que por cuidar tanto de ti, dedicar-se a ti com tanto carinho, acabou inteiramente presa ao teu amor? (Pausa) Será mesmo possivel que não tenhas percebido isto, meu filho?

Walmir - Juro-lhe que não, minha mãe. Naturalmente que se o tivesse percebido teria feito alguma coisa para evitar esse desfecho.

Dorotéa - Evitar porque? Aborrece-te o amor de tua prima? Não é ela uma creaturinha encantadora? Inteligente, bela, cheia de vivacidade?

Walmir - Sim, mas... A senhora compreende, mamãe... Eu quero bem a Maria Aparecida, sou-lhe muito grato pela dedicacão com que me cuidou, pelo carinho que sempre me dispensou mas a verdade é que me sinto ainda com a alma muito dolorida pelo choque que sofri e tão cedo não acredito que

volte a pensar no amor.

Dorotéa - Óra, meu filho, e porque não? As coisas às vezes nos veem tão inesperadamente. Quando menos acreditamos surgem á nossa frente. E então o amor, este mesmo é que quasi nunca nos avisa da sua chegada. Acerca-se de nós sem que o percebamos e ~~quaxix~~ toma-nos de assalto quasi sempre.

Walmir - Sim, talvez. É possível que a senhora tenha razão, no entanto por óra posso lhe garantir que ele nem sequer se aproximou de mim.

Dorotéa - Nem imaginas, filho querido, que satisfação enorme eu sentiria se pudesses vir a corresponder o grande amor que te dedica tua prima. Só o que ela já fez por ti antes de te dedicar um afeto especial seria uma garantia incontestavel do que ainda seria capaz de fazer se tivesse ligado ao seu o teu destino.

Walmir - Acredito, mamãe, acredito bem, mas ainda que a senhora me mereça muito, como ela tambem, não me sinto capaz, pelo menos por óra, de prometer-lhe nada.

Dorotéa - Está bem, meu filho, está muito bem, nem eu quereria que para me seres agradável apenas, ligasses a tua vida a de outra creatura que não te inspirasse amor. O que te quero pedir, apenas, é que atentes mais para os predicados todos de Maria Aparecida porque então tenho a certeza de que acabarás convencido de que ela é justamente a esposa que te convem.

Walmir - Pois muito bem, mamãe. Prometo-lhe que hei de fazer isto.

Dorotéa - Meu filho querido! Obrigada. Muito obrigada. Tenho a certeza absoluta de que nunca virás, mais tarde, a te arrepender. E no dia em que a felicidade novamente te sorrir e estiveres em tua casa ao lado de tua mulhersinha, ao fazeres com o pensamento uma volta pelo passado has de te lembrar do que te digo hoje e com um sorriso nos lábios pensarás assim: aquela mulhersinha... aquela mulhersinha enxergava longe!...

Walmir - Pobre da minha mamãesinha!... Quanto eu a tenho feito sofrer!... Quantas lágrimas amargas esses pobres olhos já terão chorado por mim!...

Dorotéa - Realmente, meu filho, realmente. Mas eu as darei por muito bem empregadas no dia em que essas lágrimas se transformarem em rosas!...

(CORTINA MUSICAL)

(sinos badalando festivamente)

Walmir - E então, minha mãe, está satisfeita agora?

Dorotéa - Satisfeita, meu filho? Não é bem o termo. Feliz. Felicissima!... Deixa que te abrace tambem minha querida sobrinha e filha. (Beijo) Que vocês possam ser muito e muito felizes.

Maria - Obrigada, titia!... Muito obrigada. Havemos de ser muito felizes, sim. Não é verdade, querido?

Walmir - Assim desejo e espero, Maria Aparecida.

Maria - E mamãe onde está que mal me abraçou e desapareceu daqui?

Dorotéa - Lá está ela recebendo os abraços de suas amigas. Vá, minha querida, vá que elas estão esperando para abraçá-la.

(A marcha nupcial começa a tocar forte e os sinos avolumam-se tambem. Toca assim alguns momentos e depois vai suavizando aos poucos até desaparecer. Os sinos continuam ainda por momentos, tocando porem fraco)

Obrigada, meu Deus! Muito obrigada!... Quando ha pouco mais de um ano eu tomei o caminho da casa de minha irmã, estava longe de imaginar que era o teu dedo que me apontava esse caminho. Hoje, mais do que nunca, meu Pai, estou plenamente convencida da tua infinita misericordia!...

(CORTINA MUSICAL)

- Walmir - Ela está bem, mamãe? A senhora não estará mentindo para me consolar?
- Dorotêa - Afianço-te que estou dizendo a verdade, meu filho. Ela está muito bem, o médico afirma que dentro de poucos minutos estará tudo terminado.
- Walmir - Veja as minhas mãos como estão frias.
- Dorotêa - É natural, meu filho. É do estado nervoso. Não se preocupe tanto assim. Você ha de ver como tudo ha de correr perfeitamente bem. Tenha fé em Deus porque ele nunca abandona aqueles que n'Ele confiam.
- Walmir - Tenho fé, sim, mamãe, tenho muita fé, mas de qualquer forma a senhora compreende que eu não posso deixar de ficar nervoso porque neste momento a vida de Maria Aparecida está em jogo.
- Dorotêa - Sim, eu sei. Compreendo tudo, como não, mas de qualquer forma...
- Walmir - O que foi mamãe? (Choro de criança pequena ao longe)
- Dorotêa - Nada, meu filho, nada. Não estás ouvindo também?  
(O choro começa a ser ouvido um pouco mais perto mas sempre longe)
- Walmir - (emocionado) Sim, mamãe, sim. Estou ouvindo também. Vá, por favor. Vá depressa. Vá e veja se eu já posso ir também.
- Dorotêa - Vou, sim, meu filho. Vou. (Passos que se afastam. Ruido de porte que se abre. Neste momento o choro é mais forte para voltar ao que era logo que a porta se fecha).
- Walmir - Que bom!... Vivo o meu filho!... Viva!... Que medo eu tive, meu Deus! Que medo!...

(CORTINA MUSICAL)

- Sezefredo - É este o doente que eu devo examinar?
- Walmir - Não doutor, o doente sou eu. Trouxe-lhe também o menino porque me preocupo sempre muito com a saúde dele.
- Sezefredo - Com que idade ele está?
- Walmir - Diga a sua idade, meu filho.
- Edmundo - Oito anos.
- Sezefredo - Oito anos? Ele realmente é pouco desenvolvido para a idade que tem. Como te chamas?
- Edmundo - Edmundo.
- Sezefredo - Pois muito bem, seu Edmundo. Passe ali para a outra sala que o Dr. Augusto vai lhe examinar.
- Edmundo - Sim senhor. (Passos que se afastam)
- Sezefredo - (para longe) Augusto, faça um exame geral nesse menino e depois me diga o que encontrou. Sente-se, senhor Walmir. Enquanto esperamos o resultado do exame do meu auxiliar, tratemos do seu caso.
- Walmir - Não, doutor, deixemos o meu caso para depois. Tratemos primeiro do meu filho. O meu caso é secundário. Eu me preocupo muitíssimo com esta criança, doutor, por causa dos seus pulmões. Perdi meu pai e dois irmãos tuberculosos e eu próprio estive cinco anos num Sanatório na Suíça. Minha esposa morreu, dois anos depois de casada, com esta mesma doença. Como vê, as minhas apreensões são mais do que justificadas.
- Sezefredo - Realmente, realmente, tem toda a razão.
- Walmir - Ele é uma criança muito viva, movimentada-se muito tem muito boa disposição para se alimentar mas mesmo assim o fantasma dessa molestia horrível persegue-me por toda a parte. Estou sempre em sobresalto, doutor

Sezefredo - É justo, é justo.

Walmir - Em verdade ele nunca teve nada de maior, apenas essas doenças que geralmente toda a criança tem: catapôra, coqueluche, uma ou outra indigestão de estômago mas felizmente a tudo ele resistiu sempre muito bem. Logo que sua mãe morreu, há sete anos passados, o médico de Agua Branca, onde residíamos, aconselhou-me a transferir minha residência para qualquer outro lugar mais ao norte onde o clima não fôsse tão hostil às criaturas fracas do pulmão. Mas não pude logo realizar este desejo por minha mãe e pela mãe de minha esposa que já então um tanto idosas e doentes não poderiam acompanhar-nos. Separá-las do menino doía-me bastante na alma e eu então fui ficando por lá. Minha mãe faleceu dois anos depois disto e aí mesmo é que se tornou ainda mais difícil a nossa saída de Agua Branca porque então era completamente impossível abandonar minha sogra que ficara completamente só e parálitica. Há dois meses, porém, com a sua morte, solucionou-se o ~~meu~~ problema e eu imediatamente tratei de mudar-me para cá.

Sezefredo - O clima aqui é bastante salutar. E depois a cidade é boa, tem muito bons collegios... foi bastante acertada a sua escolha.

Walmir - Foi mesmo o medico de Agua Branca quem me indicou este lugar. (Passos que se aproximam)

Sezefredo - Aí vem o grande homem. O Dr. Augusto não lhe deu uma ficha? Ah está aqui. Bem, senhor Walmir, façamos uma coisa: enquanto eu leio esta ficha para poder lhe dizer alguma coisa, passe o senhor para a outra sala para ser examinado pelo Dr. Augusto.

Walmir - Pois não, doutor. (Passos que se afastam)

Sezefredo - (após uma pausa) É, o seu Edmundo não tem nada de maior. Está bem, está muito bem. Vai tomar um fortificantesinho e fazer um pouco de ginástica para ver se desenvolve um pouco mais o seu físico. Você não tem vontade de ser um Tarzan? Ou você não conhece o Tarzan?

Edmundo - Conheço, sim, doutor. O Papai sempre me levava ao cinema lá em Agua Branca onde nós morávamos antes.

Sezefredo - Pois muito bem, pois é assim como o Tarzan que eu quero que você fique. Você nunca fez ginastica.

Edmundo - No Collegio eu fazia ginástica cueca mas depois o Papai me tirou do Collegio e eu nunca mais fiz.

Sezefredo - Ginástica sueca, queres tu dizer.

Edmundo - É, sim senhor.

Sezefredo - Tu gostavas muito do collegio ou preferias ficar em casa?

Edmundo - Não senhor, eu gostava muito. Fiquei tão triste quando o papai me tirou de lá. Eu já ia passar para o quarto livro.

Sezefredo - Então já estavas bastante adiantado. Aqui também tu vais gostar dos collegios. Eles são muito bons. Vou indicar um a teu pai onde tu vais fazer grandes progressos. Guarda esta receitinha que é o fortificante que te pai terá que comprar para ti. Com isto e um pouquinho de sol e de ginástica, em pouco tempo tu estarás um tarzan. (Passos que se aproximam) Ah meu amigo, dou-lhe os meus sinceros parabéns! Seu filho está muitíssimo bem e já dei a ele uma receitinha com um fortificante que deverá tomar para se manter sempre assim. Pelo que vejo aqui na ficha do Dr. Augusto, que me merece absoluta confiança, não há nada nada que justifique preocupações.

Walmir - Antes assim, doutor. Aqui tem a minha ficha. Eu já estive conversando com o doutor Augusto e ele me aconselhou a... meu filho, fique ali na sala de espera que eu lá vou encontrá-lo. (Passos que se afastam) O Dr. Augusto aconselhou-me a passar uns tempos num sanatorio, doutor. O que acha?

- Sezefredo - É, meu amigo, pelo que vejo aqui, infelizmente, o senhor terá que se parar-se de seu filho o quanto antes.
- Walmir - Mas separar-me dele de que modo, doutor, se não tenho com quem deixá-lo? Ele não tem a mais ninguém senão a mim.
- Sezefredo - Deixe-o internado num colégio, meu caro. A sua separação imediata é uma providência que se impõe. Sei que lhe imponho com isto um grande sacrifício, mas...
- Walmir - Realmente, doutor, é um sacrifício imenso para mim mas farei tudo por meu filho, tudo!...

(CORTINA MUSICAL)

- Edmundo - Fiquei admirado quando o Bedel foi me dizer que estavas aqui, papai. Tu me disseste ante-ontem que só virias visitar-me no sábado...
- Walmir - Pois é, meu filho, mas a questão é que seu Pai vai ter que fazer uma viagem longa e talvez seja obrigado a demorar alguns meses...
- Edmundo - Alguns meses, meu pai? E eu vou passar tanto tempo sem te ver?
- Walmir - O que é que vai se fazer meu filho? Seu pai precisa trabalhar, não pôde viver assim sem fazer nada. Precisa ganhar dinheiro. Você precisa estudar, precisa se formar, para tudo isto é necessário dinheiro. Você ficará muito bem aqui no Colégio e eu já falei ao Diretor a seu respeito dando-lhe todas as instruções. Ele mesmo levará você a passar todos os domingos e qualquer coisa que você necessitar dirija-se a ele.
- Edmundo - E tu não vais me escrever, papai?
- Walmir - Claro, meu filho. Vou te escrever, sim. Seguidamente has de receber cartas minhas. Espero agora que na minha ausência você se porte sem pre muito bem, seja sempre bem estudioso e obedeça bastante aos seus professores.
- Edmundo - Sim, papai. Pôdes ir descansado. Prometo-te que hei de fazer tudo o que tu me pões. Mas eu tenho tanta pena de tu ires embora!...
- Walmir - Eu voltarei, meu filho. Eu voltarei um dia. Não quero que você fique triste. Vou me despedir de você agora e você vai me prometer que não chorará.
- Edmundo - Sim, papai.
- Walmir - Dê-me um abraço então. (Pausa) Felicidades, muito juízo e seja sempre obediente aos seus professores. (Pausa) Adeus.
- Edmundo - Adeus. (Passos que se afastam) (triste) Porque será que o papai está assim tão diferente? Nem ao menos um beijo ele me deu!...

(CORTINA MUSICAL)

- Benigna - A Irmã Superiora chamou?
- Mariana - Sim, Irmã Benigna, chamei-a. Desejo falar-lhe a respeito do doente do quarto cincoenta e trez.
- Benigna - Pois não, minha irmã.
- Mariana - Acabo de conversar com o médico a seu respeito e ele acha que a vida do pobre enfermo aproxima-se celosamente do seu fim. Por este motivo eu desejava recomendar-lhe essa pobre creatura. Sei que costuma tratar a todos com muito carinho e dedicação mas para ele peço-lhe um carinho especial, irmã Benigna. Acompanhe-o o mais que puder, para que ele se sinta menos só.
- Benigna - Perfeitamente, Irmã Mariana. Hei de procurar estar sempre ao lado dele

- Mariana - Deus ha de lhe recompensar a caridade.
- Benigna - Ele parece ser tão bom, coitado! E é tão resignado no sofrimento!... Nestes quatro meses que aqui se encontra nunca lhe ouvi uma queixa, sequer. Sabe Irmã Mariana que ele ~~Kinkaxmitz~~ tem muita vontade de conhecê-la? Várias vezes já me falou nisto.
- Mariana - Sim, sim... eu já deveria ter ido vê-lo, mas... são tantos doentes, o tempo é tão pouco...
- Benigna - Eu não quiz dizer a ele que ele era o único a quem a Irmã Superiora ainda não tinha visitado para que ele não ficasse triste.
- Mariana - O único? Sim, sim... tem razão, Irmã Benigna, é o único sim. (Pausa) Pois bem, amanhã irei visitá-lo.
- Benigna - (contente) Sim? E posso lhe anunciar a sua visita?
- Mariana - (rápida) Não, não. Não lhe diga nada. Eu irei, sim, mas não é necessário dizer-lhe nada.

( CORTINA MUSICAL )

- Benigna - (lendo) Sinto sempre muitas saudades tuas mas felizmente agora já estou quasi bom e penso que muito em breve estaremos novamente reunidos para nunca mais nos separar.
- Walmir - (tossindo antes) Tudo quanto desejo... e espero de ti... é que continues... sempre obediente... sempre aplicado aos estudos (Tosse)
- Benigna - (depois da tosse, após uma pausa) Sempre aplicado aos estudos...
- Walmir - preparando-te... para a vida que te espera... como um verdadeiro homem. (Tosse)
- Benigna - (após uma pausa) ... como um verdadeiro homem.
- Walmir - Abraços e beijos muito saudosos... envia-te o Papai. (Tosse)
- Benigna - muito saudosos... envia-te o Papai.
- Walmir - Agora... irmã Benigna... eu desejaria... ainda... que a senhora me escrevesse... outra carta... se a senhora... não estiver... muito caceteada.
- Benigna - Ora, senhor Walmir, caceteada porque? Bem sabe que tenho muito prazer em servi-lo. A quem deseja escrever?
- Walmir - (depois de tossir) Ao padre Crispim... Capelão... do Convento de Santa Tereza... em Agua Branca.
- Benigna - Pode ditar a carta, senhor Walmir.
- Walmir - Meu caro... Padre Crispim... (Pausa) Deste recanto... onde mora a dor... e onde a morte ronda... (Tosse) escrevo-lhe esta breve cartinha
- Benigna - esta breve cartinha...
- Walmir - ela leva... para o seu coração... a mensagem da fé... que um pobre me ribundo deposita... na sua infinita bondade... (Tosse. Pausa) Dentro de poucos dias... tudo estará terminado... mas meu filho aí fica... inteiramente só no mundo... entregue aos azares da sorte... (Tosse)
- Benigna - aos azares da sorte.
- Walmir - Peço-lhe... que olhe por ele... consolando-o... e animando-o... quando este restinho de vida... me fugir para sempre. (Tosse) Deus o recompensará. Um abraço... e uma saudade... do seu infeliz amigo... Walmir.

( CORTINA MUSICAL )

- Benigna - Quer revisar a correspondencia, Irmã Mariana? O encarregado vai sair daqui a pouco para o Correio.
- Mariana - Eu estou tão ocupada agora, Irmã Benigna! São muitas as cartas?
- Benigna - Não Irmã. Dez ou doze, apenas.
- Mariana - Dê-m'as então para passar os olhos, num momento.
- Benigna - Aqui estão. (Pausa) A enferma do apartamento vinte e dois deseja falar à Irmã Superiora antes da noite.
- Mariana - Irei lá antes do terço. (lendo) Senhor Padre Crispim - Dignissimo Capelão do Convento de Santa Tereza em Agua Branca. De quem é esta carta dirigida ao Padre Crispim, Irmã Benigna?
- Benigna - É do senhor Walmir, Irmã Mariana.
- Mariana - (lendo) Meu caro Padre Crispim. Deste recanto onde móra a dôr e onde a morte ronda, escrevo-lhe esta breve cartinha que leva ao seu coração a mensagem da fé que um pôbre moribundo deposita na sua infinita bondade. Dentro de poucos dias tudo estará terminado mas meu filho aí fica, inteiramente só no mundo, entregue aos azares da sorte. Peço-lhe que ome por ele, animando-o e consolando-o quando este restinho de vida me fugir para sempre. Deus o recompensará. Um abraço e uma saudação do seu inveliz amigo Walmir. (Pausa) Mas meu filho aí fica!... Ele tem um filho, irmã Benigna.
- Benigna - Tem, sim, minha irmã. E que loucura ele tem pelo menino!... Pensei que a Irmã Mariana soubesse.
- Mariana - Não, não, eu não sabia.
- Benigna - Também a ~~XXXXX~~ irmã, não sei porque, nunca quiz visitá-lo. Um dia chegou a dizer que iria na manhã seguinte mas depois não foi.
- Mariana - Eu não sabia nada, Irmã Benigna, nada. Se soubesse ha muito que teria ido vê-lo.
- Benigna - E porque não vai agora, irmã Mariana? Ele ficaria tão contente!
- Mariana - Está bem, irei agora. Pôde mandar essas cartas.

(CORTINA MUSICAL)

- Walmir - É a irmã... superiora?...
- Mariana - Sim, sou eu.
- Walmir - Muito... prazer... eu tinha... muita vontade... de conhecê-la... (rôsse)
- Mariana - Obrigada. A irmã Benigna me disse. Eu sou sempre muito ocupada... disponho de muito pouco tempo para visitar os doentes.
- Walmir - Eu sei... eu sei... Ha muitos doentes... não é verdade Irmã?
- Mariana - Muitos, sim. Como se sente hoje? Um bocadinho melhor?
- Walmir - Mal, irmã. Muito mal. Felizmente... não temo a morte... Antes a bendigo como supremo remedio... de todas as minhas dôres... Estou preparado... para recebê-la. (rôsse)
- Mariana - Tem alguma coisa que o arrija além da doença?
- Walmir - Sim, minha irmã... deixar... o meu querido filho.
- Mariana - A irmã Benigna contou-me que o senhor vai entregá-lo ao padre Crispim?
- Walmir - Sim, conhece-o?

- Mariana - Muito. É uma nobre alma e um grande coração. Mas o Padre Crispim já está muito velho para tomar conta do seu filho. Além disto dispõe de muito pouco tempo para poder cuidá-lo convenientemente. O senhor não tem mais ninguém a quem pedir? Quem sabe qualquer uma pessoa que lhe tenha sido muito ligada no passado...
- Walmir - Uma pessoa... no passado?... tive uma sim, minha irmã... mas esta não poderia também... tomar conta do meu filho... porque hoje... é uma religiosa... como a senhora...
- Mariana - E se ela lhe aparecesse e lhe dissesse que estaria disposta a tomar conta do menino e educá-lo com todo o amor, com todo o carinho, como se fôsse um seu próprio filho?
- Walmir - Mas me aparecesse como... se nunca mais soubemos... um do outro... se nunca mais... nos avistamos?
- Mariana - Ome bem para mim. Estarei assim tão mudada que nem mais me reconheça?
- Walmir - Alzira!... Oh meu Deus!... Meu Deus!... Será mesmo... verdade... o que estou vendo?
- Mariana - Alzira não, meu amigo. Alzira morreu desde que vesti este hábito. Quem aqui está, à sua frente, é soror Mariana da Encarnação. E vim para dizer-lhe que o seu filho ficará comigo!
- Walmir - Oh meu Deus e meu pai... obrigado!... Agora... eu já posso morrer!

(CORTINA MUSICAL)

Crispim - Uma carta de soror Mariana da Encarnação. Há quanto tempo não me escrevia ela. Vejamos o que me diz. (Ruído de rasgar envelope e abrir carta). ( lendo) Meu bom e querido Padre Crispim. Acabo de cerrar os olhos daquele que na ~~vidaxprafana~~ minha vida profana foi a causa de todas as minhas lágrimas e senhor absoluto de todos os meus pensamentos. O destino, fiel ao seu princípio de não nos deixar esquecer de todo o passado, jogou Walmir a este recanto tristonho onde me encontro e a mim foi dada a tarefa de assistir-lhe os seus últimos momentos. Prometi-lhe, quasi á beira de seu túmulo, que tomaria a mim a tarefa de criar e educar seu filho e este é o motivo porque lhe dirijo esta carta dando-lhe uma incumbência: a de trazer Edmundo para a minha companhia já que os meus afazeres não me permitem afastar-me um só dia do posto que ocupo. Não sei como o senhor interpretará este meu gesto, quero entretanto que acredite que não tive sinceramente outra intenção que não fôsse a de praticar um ato de caridade cristã. Já sei que o senhor ficará apreensivo quanto ao fato de criar-se essa criança num ambiente como este em que vivo, mas creia que já tomei todas as providências necessárias para que ele fique completamente isolado do contágio e assistido, ao mesmo tempo, por médicos e professores competentíssimos. Dada, por qualquer circunstância, a impossibilidade do senhor desincumbir-se pessoalmente da missão que lhe confio acredito em que não será difícil encarregar a uma pessoa da sua confiança de desempenhá-la o mais breve possível. rede-lhe a benção muito respeitosamente, Soror Mariana da Encarnação.

(CORTINA MUSICAL)

- Crispim - Esta será, meu filho, de agora em diante, a sua mãezinha, a sua preceptora, a sua assistente espiritual e a sua grande amiga. Ela sabe amar como poucas mulheres o terão sabido. Seja dócil, cordato e obediente e terá sempre dela o seu melhor carinho.
- Mariana - Ele será muito bonzinho, tenho certeza disto. Os seus olhos me dizem que este peitinho encerra um verdadeiro coração de ouro. Vai, meu filho, a Irmã Benigna irá acompanhar-te ao teu quarto para que tomes um banho e troques essa roupa empoeirada da viagem. Leve-o, sim Irmã Benigna?
- Benigna - Pois não. Vamos, meu filho. (Passos que se afastam)
- Mariana - E agora, Padre Crispim, deixe-me agradecer-lhe toda a sua bondade. Deus ha de lhe recompensar por todo o bem que tem feito na vida.

Crispina - Nada tens que me agradecer, minha filha. Nada. Somente desejo que o amor dessa criança possa ser para ti uma compensação a ~~xxx~~ todas as lágrimas que verteste no passado.

Mariana - Ha de ser, sim, padre Crispin, estou bem certa. Ele será o raio dourado de sol que no poente tristonho da minha vida ha de refletir a sua luz nas nuvens cinzentas do meu céu de outono, transformando-o novamente no meu céu cor de rosa!...

(Característica musical forte, paixandó, a seguir, para falar o speaker)

SPEAKER: - Este foi, caríssimos ouvintes, o segundo e último capítulo de Céu Cor de Rosa, mais um trabalho da autoria de Roberto Lis que o interpretou com os seus artistas de Rádio Teatro ao microfone da PRO 2. Ouçam, no próximo domingo, às mesmas horas de hoje o primeiro Capítulo de "Infância" um novo trabalho de Roberto para a sensibilidade de seus ouvintes.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO PROGRAMA)

---